

DENISE SILVA PEREIRA CABRERA

**O COTIDIANO DAS FAMÍLIAS TERENA:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
MESTRADO EM PSICOLOGIA
CAMPO GRANDE – MS
2006

DENISE SILVA PEREIRA CABRERA

**O COTIDIANO DAS FAMÍLIAS TERENA:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, área de concentração: Psicologia da Saúde, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Sonia Grubits.

CAMPO GRANDE – MS

2006

Ficha catalográfica

Cabrera, Denise Silva Pereira
C117c O cotidiano das famílias Terena: um estudo exploratório / Denise Silva
Pereira Cabrera; orientação, Sonia Grubits. 2006.
85 f. + anexos

Dissertação (mestrado) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo.
Grande, 2006.
Inclui bibliografias

1. Família - Terena 2. Psicologia social .I. Grubits, Sonia . II. Título

CDD-306.85

Bibliotecária: Clélia T. Nakahata Bezerra CRB 1-757

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Sonia Grubits (UCDB) – Orientadora

Prof.^a Dr.^a Sônia M. Gomes Sousa (UCG)

Prof.^a Dr.^a Ângela Elizabeth Lapa Coelho (UCDB)

Dedico este trabalho ao povo Terena, por ter aberto as portas de seu mundo, mesmo sabendo que elas já haviam sido arrombadas há muito tempo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que iluminou a minha caminhada e me deu forças para continuar;

Aos meus pais, Ivan e Sueli, pela sua incondicional dedicação e presença;

Aos meus irmãos, Helga e Gabriel, pelo apoio e paciência nas horas em que precisavam compartilhar o computador comigo;

Ao meu marido, Marcos, ombro amigo em todos os momentos, pela sua compreensão e conforto;

À minha querida orientadora, Sonia Grubits, pelos incentivos e caminhos que me fez trilhar. E minha admiração pelo exemplo de amor à pesquisa, ao trabalho e aos povos indígenas;

Aos professores e funcionários do Mestrado em Psicologia da UCDB, em especial a secretária Ângela Ferreira, pelo carinho e atenção;

A todos os Terena, especialmente a Jabes e Gersonita, por possibilitarem de forma tão gentil a realização deste trabalho.

*... A criança nova que habita onde eu vivo
Dá-me uma mão a mim e a outra a tudo que existe
E assim vamos pelo caminho
que houver
Saltando, cantando e rindo
E gozando o nosso
segredo comum
Que é o de saber por toda a parte
Que não há mistério no mundo
E que tudo vale a pena
Se a alma não é pequena... ”*

Fernando Pessoa

RESUMO

CABRERA, Denise Silva Pereira. **O Cotidiano das Famílias Terena: Um Estudo Exploratório.** Campo Grande/MS, 2006, 85 p. – Dissertação de Mestrado do Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

O presente trabalho tem como objeto analisar as vivências familiares dos Terena residentes na aldeia Córrego do Meio, localizada nas proximidades de Sidrolândia/MS - Brasil, buscando temas que permitam uma compreensão da sua configuração atual, nos aspectos social, emocional e cultural. Considerando o estreitamento dos contatos vivenciados, ao longo dos tempos, entre o povo indígena Terena e a sociedade nacional envolvente, pode-se notar uma relação geradora de interferências culturais e, consequentemente, um aumento progressivo da influência social, econômica e religiosa de tal sociedade. Trabalhou-se com três famílias indígenas moradoras da aldeia Córrego do Meio, em uma pesquisa que, por ser qualitativa, utilizaram-se as abordagens etnográfica e sócio-histórica e, como recurso, entrevistas abertas e observações dos participantes, além de fotografias. Os resultados apontam para uma realidade em que a cultura e as tradições vêm se perdendo em um processo lento e silencioso. E não é apenas a facilidade de contato com a sociedade nacional envolvente que promove uma gradual descaracterização cultural dos Terena de Córrego do Meio, mas também uma provável dificuldade das famílias em assumirem o papel de transmissores da cultura e identidade de seu povo.

Palavras-chave: Terena; Sociocultural; Família.

ABSTRACT

CABRERA, Denise Silva Pereira. **The Daily Living of the Terena Families:** An Exploratory Study. Campo Grande/MS, 2006, 85 p. - Master Degree Dissertation of the Master Program in Psychology at the Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

The objective of this work was to analyze the family experiences of the Terena native people in the village Córrego do Meio, located near Sidrolândia/MS - Brazil, trying to identify themes that allow an understanding of the current configuration, within the social, emotional and cultural aspects. Considering the closeness of the contacts, along the years, between the Terena native people and the involving national society, it could be noticed a generating relationship of cultural interferences and, consequently, a gradual increase on the social, economic and religious influence of such society. This work was conducted with three native families who lived in Córrego do Meio, using the ethnographic and socio-historical approaches, and as resources, open interviews, observations of the participants, and photographs. The results showed a reality in which culture and tradition are losing space in a slow and silent process. It is not only the ready contact with the involving national society that promotes a gradual cultural characterization change of the Terena native people in Córrego do Meio, but it is also a probable difficulty within the families in assuming the transmitter role of the culture and the identity of their people.

Word-key: Terena; Socio-cultural; Family.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Mato Grosso do Sul com a localização das aldeias Terena	9
Figura 2 – Cerâmica Terena	12
Figura 3 – Casa do Conjunto Marçal de Souza	16
Figura 4 – Memorial da Cultura Indígena	17
Figura 5 – Entrada das Aldeias Córrego do Meio e Água Azul	37
Figura 6 – Escola Municipal Indígena Cacique Armando Gabriel.....	38
Figura 7 – Vista de uma das casas da aldeia Córrego do Meio	40

SUMÁRIO

RESUMO.....	VII
ABSTRACT.....	IX
LISTA DE FIGURAS	XI
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1.....	5
1 OS TERENA	6
1.1 A TRAJETÓRIA TERENA	6
1.2 SINGULARIDADES DE UM POVO.....	8
1.2.1 Organização social	9
1.2.2 Cerâmica	11
1.3 O TERENA ATUAL.....	12
1.3.1 Loteamento Marçal de Souza	14
CAPÍTULO 2	19
2 A FAMÍLIA.....	20
2.1 O PAPEL SOCIALIZADOR DA FAMÍLIA.....	21
2.2 A FAMÍLIA INDÍGENA.....	23
2.2.1 Casamento.....	24
2.2.2 Cultura	25
2.2.3 Criança e Educação	26
2.3 A CRIANÇA INDÍGENA E O BRINCAR: LUDICIDADE OU ROTINA CULTURAL?	27
CAPÍTULO 3	31
3 EXPLICANDO A PESQUISA.....	32
3.1 OBJETIVOS	32
3.1.1 Objetivo Geral.....	32
3.1.2 Objetivos Específicos	32
3.2 MÉTODO	32
3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	36
3.4 RECURSOS MATERIAIS.....	36
3.5 LOCAL - ALDEIA CÓRREGO DO MEIO	36
3.6 ASPECTOS ÉTICOS	41
3.7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	42
4 ANÁLISE DO COTIDIANO TERENA	43
4.1 DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS: AS FAMÍLIAS	44

4.1.1 Família 1.....	44
4.1.2 Família 2.....	46
4.1.3 Família 3.....	48
4.2 OUTROS DADOS SIGNIFICATIVOS.....	49
4.3 ANÁLISE DOS TEMAS SELECIONADOS	50
 4.3.1 Aspecto Sócio-Econômico.....	50
 4.3.2 Contato com a sociedade nacional envolvente.....	51
 4.3.3 Língua Terena: Continuidade Ameaçada	53
 4.3.4 Brincar: Duas Faces da Mesma História	54
 4.3.5 Educação	56
5 CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
APÊNDICE	69

INTRODUÇÃO

As primeiras experiências desta autora com populações indígenas tiveram iniciaram-se durante a graduação em Psicologia no Programa de Iniciação Científica (PIBIC) na UCDB, quando ela se familiarizou com a etnia pesquisada, os Terena.

Analizando uma nova realidade sociocultural que então se apresentava, houve o interesse em tentar entender os questionamentos, conflitos, lutas e perspectivas dessa etnia, sem a percepção de que, por mais que tentasse entender, o máximo que se conseguiria seria a compreensão desse universo sob o ponto-de-vista de mera observadora.

Os não-índios ainda mantêm uma visão distorcida dos diferentes povos indígenas, sem perceber que há diferenças e especificidades entre cada povo e que a própria Constituição Brasileira (Capítulo III, artigo 210, § 2º) tenta respeitar tal diversidade ao assegurar o uso da língua materna e a prática da educação bilingüe nas escolas.

Acredita-se que esse fato ocorre principalmente pela maneira de se repassarem as informações e os conhecimentos - ou o que se pensa conhecer - sobre os índios, já que os livros escolares são as principais fontes de distribuição de tais informações e contêm um modelo de índio fantasiado que é repassado para as crianças. Estas crescem e, quando adultas, muitas vezes não têm oportunidades de conhecer as diferentes culturas indígenas, especificamente a de Mato Grosso do Sul, e continuam assim com a imagem distorcida dessa população.

Assim surgem os índios idealizados, que andam nus pela floresta, caçando e pescando, preguiçosos por natureza³ - já que não possuem a mesma rotina e ritmo de vida do não-índio - fazendo a dança da chuva e dormindo em redes. Obviamente esta não é a realidade encontrada nas diferentes aldeias, ou a realidade vista pelos estudiosos e pesquisadores da temática indígena, mas, sim, uma realidade que faz parte do imaginário do não-índio.

Hoje em dia não mais existem as florestas que antes abrigavam tais populações e ofereciam-lhe o sustento, e grande parte das tribos já desapareceu, assim como seus costumes, tradições e religião. O contato próximo entre as diferentes nações indígenas e a sociedade nacional envolvente causou modificações importantes no cenário cultural das referidas nações.

³ Estereótipo indígena arraigado no senso comum devido às diferenças de rotina de trabalho entre estes e os não-índios.

Surge, então, a necessidade de estudos e pesquisas que abordem e esclareçam as diferentes etnias, desmistificando sua cultura e apoiando o seu desenvolvimento e fortalecimento.

Citando a Psicologia em particular, muito há por investigar e aprender com culturas diferenciadas, que ao longo de sua história vêm sofrendo uma série de transformações – religiosas, lingüísticas e ideológicas – e vivenciando realidades que não faziam parte de seu cotidiano, mas que, pouco a pouco, têm se tornado parte de sua história.

Dentre os estados brasileiros, o Mato Grosso do Sul tem a segunda maior população indígena, estando quantitativamente abaixo apenas do Amazonas segundo dados da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e FUNASA (Fundação Nacional de Saúde). Porém esta é uma informação contraditória já que, de acordo com o último recenseamento no ano de 2000, São Paulo estaria em segundo lugar, a Bahia em terceiro e, em quarto, o Mato Grosso do Sul. De qualquer forma, o número elevado de indígenas aumenta a responsabilidade dos pesquisadores de se atentarem à necessidade de conhecimento acerca desses povos que habitam a região.

Observando a cultura indígena atual como um todo, nota-se que esta se transformou em uma cultura de sobrevivência imposta através dos tempos. Ainda são encontradas no Brasil populações totalmente isoladas⁴ do contato com o não-índio, porém esta não é a realidade dos indígenas do Estado.

Chamando especial atenção, os povos Terena têm uma população de cerca de vinte mil pessoas, de um total de aproximadamente sessenta e um mil que habitam o Estado segundo dados da FUNASA, localizadas em diferentes aldeias no estado de Mato Grosso do Sul, vivendo em fazendas, cidades e em uma aldeia urbana na capital do estado.

Estando em contato direto com a população não-índia, os Terena se integraram à população das cidades, mantendo relacionamento direto e participando ativamente do sistema econômico, ao mesmo tempo em que há uma busca quanto à preservação de sua cultura e identidade.

⁴ Populações indígenas cujo contato com o órgão indigenista oficial (Fundação Nacional do Índio – FUNAI) não foi estabelecido. Não se sabe ao certo quem são, onde estão, quantos são e que línguas falam (FUNDAÇÃO, 2005).

Na atualidade a maioria dos povos indígenas convive diariamente com estímulos que não faziam parte de seu dia-a-dia e deve seguir em frente procurando a melhor forma para manter esse elo sem perder o que há de mais importante em uma nação - a sua identidade. E, nesse mesmo sentido, são necessárias intervenções que facilitem todo este processo ao mesmo tempo em que se resguardem os direitos dessa população.

Segundo Oliveira (1976, p. 01), “Um dos fenômenos mais comuns do mundo moderno talvez seja o contato interétnico, entendendo-se como tal as relações que têm lugar entre indivíduos e grupos de diferentes procedências nacionais, raciais ou culturais”.

Inicialmente, a temática desta pesquisa tratava-se do brincar e do brinquedo da criança Terena, pois este seria o meio pelo qual se investigaria o mundo infantil e as possíveis mudanças ocorridas nas diferentes gerações dessa etnia. Porém, no decorrer do trabalho, surgiu um novo foco para a investigação: as famílias e as interferências sofridas através do contato com sociedade nacional envolvente.

Para melhor visualização, este trabalho foi dividido e ordenado de acordo com as normas de pesquisa científica. Dessa forma, na introdução, descreve-se a contextualização e a relevância da pesquisa realizada.

No primeiro capítulo, Os Terena, apresenta-se o histórico, a trajetória e a atual situação dos Terena, sendo focada também a comunidade participante da pesquisa – Aldeia Córrego do Meio – além de apresentar a realidade de outra aldeia da mesma etnia, uma aldeia urbana, sendo esta uma situação bem específica e que reflete a história de submissão e adaptação dos Terena.

O segundo capítulo, Família: Um Berço de Aprendizagens Para a Criança, ressalta a importância da família na socialização da criança e aspectos específicos da família indígena, através de algumas etnias, entre elas a Terena. E, para finalizá-lo, comenta-se um pouco sobre o brincar da criança índia.

No terceiro capítulo, explicando a Pesquisa, são especificados os objetivos do trabalho, assim como os procedimentos e métodos adotados para a investigação, os participantes da pesquisa, os materiais utilizados e os aspectos éticos da pesquisa. O quarto capítulo, Aspectos do Cotidiano Terena, contém a análise e discussão dos dados obtidos na investigação.

CAPÍTULO 1

1 OS TERENA

1.1 A TRAJETÓRIA TERENA

Há pelo menos duzentos anos, a região onde se situa o estado de Mato Grosso do Sul foi ocupada por diferentes povos indígenas, destacando-se os *Aruak*, os *Macro-Gê* e os *Guarani*, dizimados mais tarde, meio ao processo de ocupação do "homem branco"⁵. Esse processo teve início com a passagem das Bandeiras e tentativa de ocupação econômica do sul de Mato Grosso (OLIVEIRA, 1968).

Essas Bandeiras que cruzavam o planalto de Maracaju até chegar à foz do rio Paraguai, aliadas à expansão econômica do tipo pastoril – que buscava novos pastos e rebanhos – e à Guerra do Paraguai, provocaram lutas e tratados que desenharam a história de muitos povos.

Remanescentes da grande família lingüística *Aruak* e do complexo cultural chaquenho, os Terena, que constituíam um grupo relativamente isolado, sofreram algumas transformações a partir da conjunção com a sociedade nacional envolvente, principalmente no momento histórico que entraram na guerra contra o Paraguai. Sendo um dos últimos povos indígenas a entrar na Guerra, acredita-se que este foi motivo de não terem sido totalmente dizimados (MARTINEZ, 2003; OLIVEIRA, 1968).

Os Terena auxiliaram ao exército brasileiro não apenas lutando em suas batalhas, mas também servindo como guias, já que conheciam muito bem a região, fornecendo alimentação a partir de sua agricultura autônoma e acolhendo em suas aldeias as tropas luso-brasileiras.

Após o final da guerra, os Terena, anteriormente incorporados à Guarda Nacional, tornaram-se mão-de-obra semi-escrava. Isso porque essa região, que era palco de disputas entre espanhóis e brasileiros, obteve domínio brasileiro consolidado, levando assim a uma

³ Termo popular usado para identificar o indivíduo não índio. Atualmente este termo não é mais utilizado pela comunidade científica, que optou pela terminologia “não índio” em seu lugar.

invasão dos territórios Terena por fazendeiros criadores de gado que se estabeleceram em toda a região.

Dispersos pelas fazendas na condição de empregados, somente no início do século XX, é que ocorreu o reagrupamento dos Terena em pequenas reservas demarcadas pelo Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, no mesmo período em que tal povo participou da construção da Linha Telegráfica que ligaria São Paulo a Cuiabá. Mais tarde, participaram ainda da construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e de diversas cidades da região (FERNANDES JÚNIOR, 1997).

As novas reservas demarcadas encontravam-se próximas aos centros urbanos, já que a política indigenista presente na época pretendia integrar a população indígena à sociedade. Este fato proporcionou intencionalmente um maior intercâmbio cultural entre as culturas índia e não-índia.

Demonstrando disposição para contato, os Terena têm como característica uma maior abertura para contato pacífico com outros povos. Sendo assim, em sua história, quase sempre eles aparecem submetidos à influência de outras nações. Mesmo com a descaracterização provocada por sua submissão, alguns elementos culturais foram mantidos até os dias atuais, possibilitando uma identidade cultural (MARTINEZ, 2003).

Mangolim (1999, p. 37) também explica que “em cada dificuldade vivida, sempre encontraram uma estratégia para ser utilizada na sua superação. Estas estratégias ajudaram a manter elementos profundos que lhes dão coesão como povo, tais como organização social, a língua, as danças, e o próprio sistema educacional”.

Oliveira (1960) cita que a história que se desenhou pelos Terena é um caso raro no Brasil, devido a sua quase total aculturação simultânea à conservação de um abastado número populacional; mantiveram-se participativos na vida regional e, mesmo assim, permaneceram diferenciados como indígenas.

1.2 SINGULARIDADES DE UM POVO

Reconhecidos como exímios agricultores, os Terena participam da comercialização de produtos agrícolas, cultivando principalmente arroz, feijão, milho e mandioca. No artesanato, as mulheres trabalham com cerâmica e os homens com a cestaria, além da caça e da pesca. Porém, atualmente, nem todas as aldeias conseguem manter essas tradições, tal como ocorre com a Reserva Córrego do Meio, onde as mulheres têm reaprendido a arte da cerâmica com uma índia Terena vinda de outra reserva.

Os Terena, habitantes do Estado de Mato Grosso do Sul, em sua maioria, encontram-se localizados em seis municípios - Miranda, Aquidauana, Anastácio, Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia e Nioaque - totalizando doze reservas que perfazem uma área total de 19.572 hectares, requeridas pelo extinto Serviço de Proteção aos Índios (SPI) nas décadas de 1920 e 1930. Há ainda um contingente - os denominados desaldeados - vivendo em fazendas, cidades e em uma aldeia urbana na capital do Estado (RODRIGUES, 1985).

"Poucas tribos mantêm com os brancos um repertório tão variado de autonomia e dependência como os Terena", segundo Brandão (1986, p. 111), que ainda cita que muito se perdeu dos aspectos importantes de seu antigo modelo de vida, não sendo mais possível recuperar e manter vivos os antigos padrões.

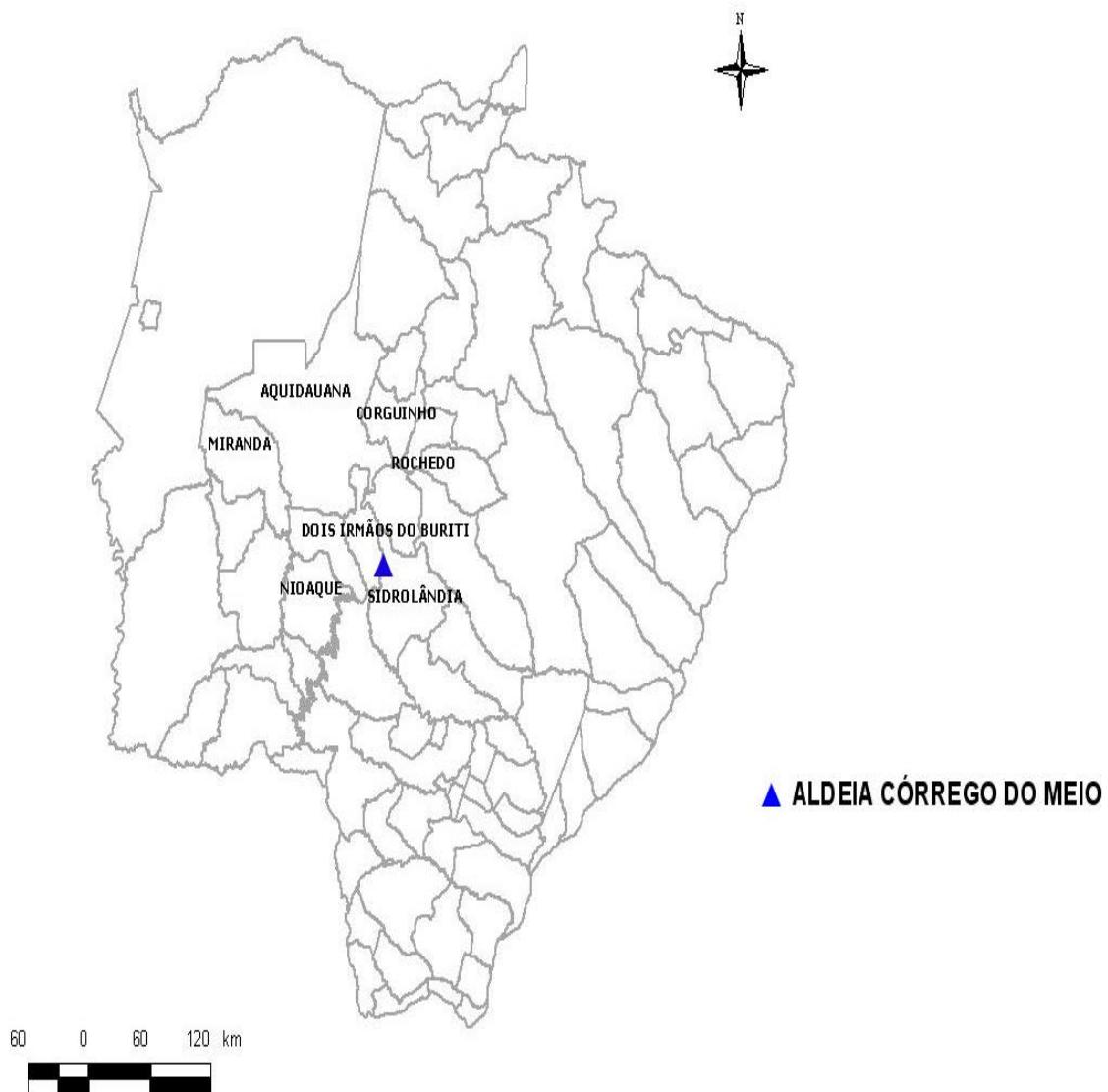


Figura 1 – Mapa de Mato Grosso do Sul com a localização das aldeias Terena

Fonte: geoprocessamento-UCDB, 2006

Os Terena, como todos os povos, têm suas peculiaridades no que se refere à sociedade, religião e política. Entre essas, poucas se mantêm ao longo dos anos, transmitidas de geração para geração, enquanto outras se reconfiguraram, adaptando-se aos diferentes momentos da trajetória desse povo.

1.2.1 Organização social

A sociedade Terena do passado dividia-se em dois grupos distintos e sobrepostos socialmente, quais sejam os cativos (*kuati*) e os dominantes (o grupo tribal - os Terena). Os

Terena, por sua vez, subdividiam-se em dois grupos: os *naati*, que eram os chefes e seus parentes, e os *waherê-txané*, os homens comuns ou o povo, ocorrendo assim uma estratificação étnica (cavadores; e dominantes) e outra social (cavadores; chefe e seus parentes; e homens comuns), resultando em uma estrutura tríplice e assimétrica (OLIVEIRA, 1968).

De acordo com Oliveira (1968), embora houvesse uma divisão em metades não localizadas e com os mesmos direitos sociais para cada uma delas, verifica-se também a ocorrência de uma segunda divisão entre o grupo dominante: os *sukirikionó* e os *xumonó* que se diferenciavam principalmente pelos papéis desempenhados durante os ceremoniais do *oheokoti*.

As festividades do *oheokoti* marcavam o início da colheita ao mesmo tempo em que homenageavam os mortos, quando eram realizados rituais mágico-religiosos, banquetes coletivos e, ao final, os *xumonó* provocavam os *sukirikionó* que deveriam reagir passivamente a tais provocações, cumprindo assim os papéis designados a cada metade (FERNANDES JÚNIOR, 1997).

Esses comportamentos diferenciados foram fundamentados pela dupla face do herói do mito de origem do povo Terena. Este herói - *Yoriyuvakái* - possui uma parte gêmea que tem o papel de anti-herói junto com a qual tira o povo Terena debaixo da terra e ensinam como usar o fogo e as ferramentas agrícolas.

Oliveira (1968) ainda cita uma outra classe social situada entre os *naati* e os *waherê* e que dinamizaria a estrutura tríplice da sociedade. São eles os *xuna-xati*, guerreiros que se destacavam ao matar um inimigo. Essa titulação poderia ser obtida até mesmo por um *kuati*. A partir dos membros deste grupo, recrutava-se o chefe de guerra - autoridade máxima nos assuntos ligados à guerra.

Em sua organização, os anciões tinham papel fundamental na tomada de decisão, sendo sempre acatadas suas palavras. A estes a autoridade era cedida de acordo com o tipo de decisão que precisavam tomar. Tratando-se de assuntos ligados à guerra, os *xuna-xati* eram considerados a autoridade que, quando não havia envolvimento de guerra, era cedida aos *naati*. Também os médico-feiticeiros tinham papel nessa organização, possuindo poderes sobre os vivos e os mortos e eram os responsáveis pelo bem-estar físico da população.

Nas aldeias, as casas, construídas de sapé e barro batido, eram distribuídas em círculos, rodeando uma praça central - *ovoulti* - sem distinção quanto às diferenças sociais. As famílias Terena formavam uma unidade econômica e cooperativa, na qual as tarefas como o preparo do solo, caça e fabricações de instrumentos cabiam aos homens, enquanto o plantio, a colheita, a cozinha e a tecelagem eram funções das mulheres.

Carvalho (1998, p. 53) explica que nos dias de hoje “As aldeias Terena constituem-se em grupos de casas que pouco diferem das dos pequenos núcleos rurais. Casas feitas de barro batido e cobertas de sapé [...] são cada vez mais difíceis de serem encontradas”.

Os Terena utilizavam cabaças, potes de barro e trançados de fibras vegetais como utensílios domésticos, suas vestimentas mais comuns eram o xeripá (espécie de saio) e alpercatas de couro. Usavam também adornos feitos de sementes, dentes e ossos de animais. Já durante as festividades, os adornos e vestimentas eram diferenciados, incluindo também a pintura corporal (MARTINEZ, 2003).

1.2.2 Cerâmica

Além da agricultura, a cerâmica sempre foi uma atividade comum ao Terena. Porém dificilmente se encontram, em livros ou artigos relacionados à temática Terena, informações mais detalhadas sobre o assunto, tornando-se reduzidas as fontes para pesquisa. Assim, as informações foram obtidas na reserva e em *site* da internet⁶ relacionado especificamente a diferentes tipos de produções artísticas com a cerâmica.

A partir das informações das fontes mencionadas, pode-se dizer que a fabricação da cerâmica Terena é uma atividade exclusivamente feminina, ficando a cargo do homem apenas as etapas de extração do barro e a queima da peça, já que tais atividades exigem um vigor físico maior.

Modeladas manualmente, há peças de diferentes tonalidades, variando de acordo com a região de extração da argila. Uma das principais características de sua cerâmica é o padrão gráfico usado com a coloração branca, sendo basicamente floral, pontilhado, tracejado, espiralado e ondulado.

⁶ <http://www.ceramicanorio.com>

Segundo essas informações obtidas, para a fabricação das peças, três regras são seguidas pelas mulheres: (a) seguindo a crença de que o sal é inimigo do barro, as mulheres não cozinham nos dias que fazem cerâmicas; (b) quando estão menstruadas não trabalham com o barro; e (c) durante a lua nova não trabalham.



Figura 2 – Cerâmica Terena

Fonte: Foto de Denise S. P. Cabrera, 2006

É sabido que, a partir das transformações ocorridas com o decorrer dos anos, muito se perdeu da cultura Terena. Na cerâmica, esse fato fica explícito, como no exemplo citado anteriormente, da aldeia Córrego do Meio, onde as mulheres estão reprendendo a arte da cerâmica com uma professora Terena vinda de outra aldeia. Na última visita à aldeia, soube-se que, do grupo de mulheres que reprendeu a cerâmica, apenas uma dá continuidade a essa fabricação, com o auxílio da filha.

1.3 O TERENA ATUAL

Os Terena, por contarem com uma população bastante numerosa e manterem um contato intenso com a população regional, constituem o povo indígena cuja presença no estado se revela de forma mais explícita, seja pelas mulheres vendedoras de milho ou de outros produtos da aldeia nas ruas das cidades, pelo grande número de cortadores de cana-de-açúcar que periodicamente se deslocam às destilarias, seja pelos moradores da única aldeia urbana do país.

Reestruturando seu estilo de vida em direção à sua estreita ligação com a sociedade nacional envolvente, o povo Terena lançou mão de estratégias que têm permitido sua maior integração em espaços que anteriormente não lhes eram comum. Ocupando cargos na FUNAI e na Assembléia Legislativa, os Terena vêm, cada vez mais, buscando meios de sobreviver ao estilo de vida criado pelo intercâmbio social estabelecido.

Segundo Jubes Gabriel⁷, na aldeia Córrego do Meio não se encontram mais divisões étnicas ou sociais como no passado, com exceção dos anciões que ainda fazem referências aos *sukirikionó* (hostis) e aos *xumonó* (passivos) durante as rodas de chimarrão, sendo esta apenas uma classificação verbal.

Nesta mesma aldeia, as festividades tribais se restringem a danças - bate-pau⁸ e siputrena⁹ - encenadas durante determinadas comemorações ao longo do ano. Ensinadas na escola, essas danças são valorizadas por serem uma das únicas formas de expressão da cultura Terena sobreviventes até os dias atuais. Além dos alunos participarem das festividades, também os adultos, organizados por um professor da escola, realizam a dança nas festividades ao som do Pifi¹⁰ e da Caixa¹¹.

Segundo informação de moradores, as danças da siputrena (também conhecida como dança da ema) e do bate-pau têm variações de ritmo e batida de acordo com a comemoração ou homenagem prestada.

Apesar de sua numerosa população atual, os Terena, assim como outras diferentes etnias indígenas, sofrem com os reduzidos espaços das reservas que impossibilitam o cultivo de subsistência, comum em tempos passados, o que também acaba por levar a disputas de terras e solicitações incessantes de revisão de terras.

Por participarem de forma tão intensa do cotidiano da sociedade nacional envolvente, é comum ouvir a população não-índia de um modo geral dizer que o Terena deixou de ser índio, idéia esta que esconde a resistência de um povo que luta para sobreviver e manter viva a sua cultura.

⁷ Morador da Aldeia Córrego do Meio e diretor da escola pública da reserva.

⁸ Segundo informações colhidas na reserva, esta é uma dança realizada pelos Terena de sexo masculino, munidos somente de varas de pau, para relembrar sua participação na Guerra do Paraguai.

⁹ Também segundo informações colhidas na reserva, esta é uma dança feminina (desdobramento da dança masculina).

¹⁰ Instrumento utilizado tradicionalmente parecido com uma taquara.

¹¹ Um tipo de tambor tradicional.

Segundo Mangolim (1999, p. 42),

Os Terena não desconhecem totalmente o passado. Mas como eles dizem: é preciso *progresso*. Não se trata, simplesmente, do progresso como nós o entendemos, ou a nossa sociedade o entende. A necessidade de dar vazão a uma série de demandas, que têm sido colocadas de fora pela sociedade nacional, vem obrigando o povo a buscar respostas novas (grifo do autor).

1.3.1 Loteamento Marçal de Souza

Registrando um número populacional significativo e crescente, os Terena se encontram em diferentes reservas espalhadas pelo Estado, em um total de doze reservas, além das quais há numerosos grupos dispersos pelas cidades. Entre o grupo dos dispersos, destacam-se os moradores do Conjunto Residencial Marçal de Souza, que formaram uma aldeia Terena na cidade.

A migração Terena para os centros urbanos teve seu início de 1920, porém foi mais intensificada nos anos de 1930 após a expansão da febre espanhola nas reservas. Os Terena também procuravam a cidade para outros fins, tais como forma de refúgio de conflitos políticos e religiosos na aldeia e a possibilidade de melhoria de vida.

Na cidade, os principais empregos encontrados pelos homens ainda nos tempos atuais são na construção civil; já entre as mulheres, as principais funções desenvolvidas são as de empregadas domésticas e de feirantes. Assim, a expectativa de melhoria de vida acaba por não se realizar e, pelo contrário, eles encontram preconceitos e dificuldades financeiras.

Devido às necessidades, um grupo Terena de desaldeados uniu-se formando um loteamento em que pudesse abrigar suas próprias famílias. Tal loteamento formou-se pela ocupação do Lote Desbarrancado por 74 famílias Terena, sendo a área pertencente ao órgão tutor, FUNAI. O bairro estava localizado no perímetro urbano da cidade de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, e a ocupação efetivou-se em 09 de julho do ano de 1995, reunindo famílias Terena que antes se encontravam dispersas pelos bairros da cidade.

De acordo com depoimento da líder indígena Enir Bezerra relatado por Fernandes Júnior (1997), a ocupação atingiu dois objetivos, um deles seria o de resolver o problema de famílias indígenas desaldeadas, e o outro, de ter um ponto específico para os índios que se encontravam na capital do Estado.

Segundo Carvalho (1998, p. 53):

As áreas delimitadas são insuficientes para prover o sustento dos seus moradores, obrigando os Terena aldeados a procurar trabalho fora da reserva. Os homens buscam serviço nas fazendas onde há plantio e corte de cana-de-açúcar e as mulheres procuram empregar-se em serviços domésticos nas cidades que, em alguns casos, é muito próxima às aldeias. A falta de terras que, além de tudo, são pouco agricultáveis, provoca o deslocamento dos Terena para as periferias dos centros urbanos, sendo cada vez maior o número de índios desaldeados.

Reconhecida como a primeira Aldeia Urbana do país, o Conjunto Residencial Marçal de Souza se tornou um marco na história da etnia Terena no Estado. Oficialmente entregue à população indígena no dia 13/02/1999, o projeto teve como objetivos iniciais a legalização do loteamento, a construção de moradias e a infra-estrutura para a população já residente no local, além da construção de uma escola e de um Memorial da Cultura Indígena – reivindicações dos moradores.

O projeto foi financiado pela Caixa Econômica Federal, Prefeitura Municipal de Campo Grande e TV Morena – representante regional da Rede Globo de Televisão – e viabilizado junto com o auxílio da população que participou ativamente de todas as etapas do projeto, desde a reivindicação da regularização fundiária, das definições do projeto arquitetônico até a construção das moradias.

Servindo como ponto de referência para a identidade social do grupo desaldeado, foi encontrado neste loteamento um espaço em que sua cultura pudesse se manifestar através das danças - o 'bate-pau' dos homens e a "siputrena" das mulheres - e do idioma, ensinado às crianças e praticado pelos adultos. Organizados através de uma associação (Associação dos Moradores Indígenas Desaldeados do Bairro Desbarrancado) tentaram eles manter viva a sua identidade cultural.



Figura 3 - Casa do Conjunto Marçal de Souza

Fonte: Foto de Denise S. P. Cabrera, 2006

Inicialmente, o loteamento não oferecia estrutura para tal ocupação, sendo as casas feitas de lona, sem luz elétrica ou água encanada. Somente após quatro anos de convivência nessa situação, o poder público tomou a iniciativa por meio do Programa Habitar Brasil, operacionalizado pela Caixa Econômica Federal, viabilizando assim a construção das moradias.

Pereira e Grubits (2003), em seus estudos com crianças Terena residentes na aldeia urbana, verificaram que as crianças que demonstraram interesse na aprendizagem de sua língua de origem são aquelas que têm contato com esta língua dentro da própria família, sendo os familiares um modelo para a sobrevivência dos traços culturais de uma cultura.

Fernandes Júnior (1997) explica o "elo tribal" – ligação do indígena com sua aldeia de origem – e a importância da aldeia urbana na tentativa dos índios Terena desaldeados manterem viva a chama do sangue e da identidade indígena. Segundo o autor, eles enfrentam "um sistema social totalmente adverso na qual imperam sistemas não conhecidos e nos quais resultam em competitividade, consumo, dificuldades diversas e até a própria discriminação" (FERNANDES JÚNIOR, 1997, p. 33-34).



Figura 4 – Memorial da Cultura Indígena

Foto: Denise S. P. Cabrera, 2006.

Fernandes Júnior (1997) ainda afirma que, mesmo com o elo tribal, a maioria dos elementos culturais já não faz parte do cotidiano dos desaldeados, principalmente dos mais jovens que não têm possibilidades de vivenciar qualquer forma de tradição dentro de casa, a partir de seus modelos de identificação, mesmo porque muitos traços culturais se perderam dentro das aldeias, fator este importante para o desconhecimento de símbolos, palavras, mitos e ritos.

Outra batalha dos moradores da aldeia urbana foi a criação de uma escola que pudesse atender os estudos dos filhos, pois as escolas das proximidades não tinham vagas para a nova demanda. Auxiliados por uma organização não-governamental que fez a doação de materiais de construção, a própria comunidade ocupava-se com a mão-de-obra. Mais tarde, a prefeitura possibilitou a construção de uma nova escola voltada à preservação da cultura indígena, que oferece aulas do idioma nativo.

De acordo com as categorias formuladas por Ribeiro (1982), que classificou as populações indígenas segundo os diferentes níveis de contato com o não-índio, os Terena estão entre os *integrados*, o que se deve a alguns fatos, tais como: manterem eles contato permanente com a sociedade nacional, além de participarem ativamente do sistema econômico e político desta; adotarem muitos dos costumes indígenas, substituindo uma parte considerável da tecnologia tradicional em sua etnia, utilizando-se de instrumentos modernos;

e mesmo assim, tentarem manter as suas tradições e insistirem na manutenção de sua identidade étnica.

Mas percebe-se que a aldeia urbana, no loteamento Marçal de Souza, não mais se encontra nessa categoria, já que pode ser caracterizada pela fusão do grupo na sociedade nacional como parte indistinguível dela, o que os classificaria na forma de *acomodação*, "[...] que concilia uma identificação étnica específica com uma crescente participação na vida econômica e nas esferas de comportamento institucionalizado da sociedade nacional" (RIBEIRO, 1982, p. 434).

Porém, atualmente, a primeira aldeia urbana do Brasil encontra-se em condições precárias, com problemas como superlotação das casas e a necessidade de melhoria no saneamento básico. Também o Memorial do Índio, que foi criado para ser uma fonte de renda para os moradores, tornou-se hoje somente uma vitrine para turistas.

Isso demonstra que, mesmo tendo sido um projeto premiado pela Caixa Econômica Federal (Prêmio Melhores Práticas em Gestão Local 1999/2000), há uma real necessidade de uma atenção contínua a esse projeto, ou seja, de sustentação e apoio à comunidade, para que todas as melhorias possam ser levadas adiante no contexto diário das famílias.

Além disto, pode-se observar, em visita à aldeia urbana, um grande número de moradores não-índios vivendo nas casas construídas para a comunidade indígena, independentemente dos motivos desta ocupação. Este é um fato que auxilia na descaracterização da aldeia urbana e acelera um processo, já iniciado, de perda do objetivo inicial do agrupamento dos indígenas desaldeados.

Restringe-se aqui este capítulo, após trazer a história e alguns aspectos específicos do povo Terena, na tentativa de repassar ao leitor um meio para o conhecimento desse povo. Porém, nos capítulos três e quatro, é que o leitor poderá obter um entendimento de forma mais detalhada e particular da comunidade pesquisada.

E seguindo ao exposto, apresentam-se algumas informações referentes à família indígena e, mais especificamente, à criança indígena, de modo a complementar o entendimento dos dados e resultados mais adiante analisados.

CAPÍTULO 2

2 A FAMÍLIA

Constituída com base nas relações de parentesco culturais e historicamente determinadas, a família inclui-se entre as instituições sociais básicas. Instituída como elemento-chave não apenas para a sobrevivência dos indivíduos, mas também para a proteção de seus componentes e transmissão da cultura, a família representa a forma tradicional de viver e uma instância mediadora entre indivíduo e sociedade (CARVALHO; ALMEIDA, 2003).

A família já ocupou diferentes funções na sociedade ao longo de sua história, primeiramente teve como função básica a manutenção da riqueza e da propriedade, passando pela interferência dos dogmas religiosos até a inclusão da perspectiva amorosa com a escolha dos parceiros.

Diferentes autores afirmam que a família, no sentido em que hoje é percebida, é um fenômeno recente e que a ordenação familiar como doméstica e nuclear faz parte de uma grande transformação histórica, não contínua, não linear e não homogênea (LÉVI-STRAUSS, 1982; ARIÈS, 1978; COSTA, 1999; ENGELS, 2002).

De acordo com as análises de Peres e Sousa (2002, p. 66), a família “tem-se apresentado em diversas composições e com características variadas [...] em um mesmo período histórico, sempre coexistem modelos familiar distintos, embora haja um predominante, hegemonicó”.

A história social da família foi se desenhando com as transformações sociais, morais e econômicas das diferentes sociedades, fato este que impede a afirmação de que essa evolução se aplique, da mesma maneira, a todos os povos.

Também no Brasil há as mais diversas formas de estruturas familiares, diferenciadas não somente pelas adaptações políticas, sociais e morais de cada momento da história, mas também pelo fato de existirem realidades distintas nas regiões do país. Da mesma forma, também a família indígena não é estática, ela se transforma e se adapta de acordo com as necessidades e o momento histórico.

Neste capítulo, apresentam-se inicialmente algumas considerações a respeito da importância da família como transmissora da cultura, normas e regras, a que seguem algumas especificidades sobre a família indígena, com destaque de diferentes etnias no decorrer do texto, e finaliza com uma revisão bibliográfica a respeito da criança indígena e seu brincar.

2.1 O PAPEL SOCIALIZADOR DA FAMÍLIA

Mesmo sofrendo transformações e mudanças, a família continua desempenhando sua função de estrutura e modelo formador para os seus membros, principalmente para as crianças.

A socialização é definida por López (1995, p. 83) como

Um processo interativo, necessário à criança e ao grupo social onde nasce, através do qual a criança satisfaz suas necessidades e assimila a cultura, ao mesmo tempo em que, reciprocamente, a sociedade se perpetua e desenvolve.

É com a socialização que a criança tem a possibilidade de adquirir conhecimento dos valores, normas, costumes pessoas, instituições, símbolos sociais, como também a aprendizagem da linguagem e a aquisição de condutas sociais desejadas ou não (LÓPEZ, 1995).

Berger e Luckmann (1985) afirmam que a pessoa ao nascer ainda não é um membro da sociedade, mas torna-se um a partir da socialização primária. Esta primeira socialização é experimentada na infância e introduz a pessoa em um mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela. Para ocorrer esta socialização, é necessário que a pessoa interiorize o mundo social como realidade objetiva, ou seja, interprete um acontecimento objetivo como dotado de sentido para que, dessa forma, tenha a base da compreensão de seus semelhantes e de uma realidade social dotada de sentido.

Bastos et al. (2002, p. 97) citam que “[...] é o ambiente familiar, o primeiro a disponibilizar a experiência relacional que confere ao ser humano os atributos que o distingue enquanto tal. A família [...] é dotada de um considerável potencial para a mudança [...]”.

Dessa maneira, o ambiente familiar se apresenta como ambiente socializador e um meio de construção de significados culturais e padrões de interação, o que exige o domínio de um conjunto complexo de habilidade e aptidões, conceitos e significados, em todos os aspectos do desenvolvimento (cognitivo, afetivo e moral). Nesse sentido, considera-se sempre a inserção familiar em uma estrutura social e em um grupo cultural de referência (BASTOS et al., 2002).

Após essa primeira socialização, normalmente ocorre a socialização secundária, que introduz esta pessoa já socializada em novos setores de sua sociedade. Porém, de acordo com Berger e Luckmann (1985), a primeira socialização é, em geral, mais importante e ocorre em situações carregadas de alto grau de emoção, mesmo porque a interiorização somente se realiza quando indivíduo se identifica no contexto em que se insere.

A criança identifica-se com os outros significativos por uma multiplicidade de modos emocionais. Quaisquer que sejam, a interiorização só se realiza quando há identificação. A criança absorve os papéis e as atitudes dos outros significativos, isto é, interioriza-os, tornando-os seus. Por meio desta identificação com os outros significativos a criança torna-se capaz de se identificar a si mesma, de adquirir uma identidade subjetivamente coerente e plausível. Em outras palavras, a identidade é uma entidade reflexa, que retrata as atitudes tomadas pela primeira vez pelos outros significativos com relação ao indivíduo, que se torna o que é pela ação dos outros para ele significativos (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 176-177).

Isso afirma que, além de absorver os papéis e atitudes, a criança assume o mundo da família. Vivenciado esta socialização, a criança vai recebendo uma identidade e consequentemente ocupando um lugar específico no mundo, e estas duas apropriações subjetivas são apenas aspectos diferentes do mesmo processo de interiorização que promove uma abstração progressiva dos papéis e atitudes dos outros particulares para os papéis e atitudes dos outros de um modo geral (BERGER; LUCKMANN, 1985).

Brougère (1997, p. 40) afirma que:

Toda socialização pressupõe apropriação da cultura, de uma cultura compartilhada por toda a sociedade ou por parte dela. A impregnação cultural, ou seja, o mecanismo pelo qual a criança dispõe de elementos dessa cultura passa, entre outras coisas, pela confrontação com imagens, com representações com formas diversas e variadas. Essas imagens traduzem a realidade que a cerca ou propõe universos imaginários. Cada cultura dispõe de um ‘banco de imagens’, consideradas como expressivas dentro de um

espaço cultural. É com essas imagens que a criança poderá se expressar, e com referência a elas que a criança poderá captar novas produções.

Como principal instrumento e conteúdo de socialização, Berger e Luckmann (1985) citam a linguagem, explicando ainda que o processo de cristalização subjetiva da sociedade, da identidade e realidade ocorre junto com o processo de interiorização da linguagem. E, devido à possibilidade de traduzir a realidade objetiva em realidade subjetiva, é que a linguagem se torna o veículo principal neste processo.

E, por ser essa a realidade conhecida até então e o único mundo existente, é que “[...] o mundo interiorizado na socialização primária torna-se muito mais firmemente entrancheirado na consciência do que os mundos interiorizados nas socializações secundárias” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 180). Os autores ainda afirmam que:

Os conteúdos específicos que são interiorizados na socialização primária variam naturalmente de sociedade para sociedade. Alguns encontram-se em toda parte. É a linguagem que tem de ser interiorizada acima de tudo. Com a linguagem, e por meio dela, vários esquemas motivacionais e interpretativos são interiorizados com valor institucional definido (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 181).

O mundo criado nessa primeira socialização é, portanto, mais sólido, quando se tem a família e, por consequência, a sociedade que envolve esta família como modeladores da identidade dessa criança.

2.2 A FAMÍLIA INDÍGENA

Considerando que as diferentes etnias indígenas possuem características próprias e específicas, organizou-se este tópico de forma a apresentar algumas dessas especificidades sem generalizar os indígenas, mas, sim, destacar cada etnia.

Ressalta-se ainda que algumas diferenças também podem ser encontradas dentro de um mesmo grupo étnico, tal como será apresentado nos resultados da pesquisa com o povo Terena. E acredita-se que a manutenção dessas características está diretamente ligada à preservação da cultura e às influências da sociedade nacional envolvente.

Para facilitar a leitura, dividiram-se alguns subtemas que envolvem a família indígena.

2.2.1 Casamento

Em seu trabalho sobre populações indígenas, realizado há 60 anos, Lévi-Strauss (1996, p. 180) descreve uma população Kadiwéu e cita que:

Nossos índios eram monogâmicos; [...] o aborto e o infanticídio eram praticados de forma quase normal, a tal ponto que a perpetuação do grupo dava-se por adoção, bem mais do que por geração [...] quando chegavam a nascer, as crianças não eram criadas pelos pais, mas entregues a outras famílias, e esses só as visitavam em raras ocasiões [...]. Contudo, o nascimento de crianças de alta estirpe era ocasião para festas que se repetiam em cada etapa de seu crescimento [...].

Segundo relatos de uma índia Kadiwéu (MULHER, 2005), tradicionalmente, as casas têm formato retangular e são divididas ao meio para receber uma filha e seu marido recém casados. Residindo na casa da família da moça, o marido leva a criação que tiver para seu novo lar e, até mesmo antes de se casarem, ele ajuda o pai da noiva em seus afazeres.

A respeito dos Guarani, Schaden (1974) explica que a família-grande que compreendia o casal, as filhas casadas, os genros e seus filhos, foi fracionada devido às condições de vida a que a tribo estava sujeita, e as casas grandes de base quadrangular foram substituídas por cabanas menores e mais próximas umas das outras.

Também, entre os Guarani, persiste a antiga matrilocalidade com uma consequente perda da autoridade paterna. Sendo assim, quando um filho se casa, ele se afasta de sua própria família e passa para a influência do sogro, com quem vai morar.

Já em relação aos Terena, Oliveira (1968) cita que as residências abrigam um grupo doméstico composto, no seu limite mínimo, por duas gerações (pai e filhos) e, no limite máximo, por quatro (avô, pai, filhos e netos). Formam-se assim famílias nucleares (casal e seus filhos solteiros) ou famílias extensas (pais, filhos, noras ou filhas e genros).

E explica ainda que a regra geral na sociedade Terena para a residência pós-matrimônio é a patrilocidade (a esposa mora na casa do sogro) pelo menos durante os primeiros anos do casamento até a consolidação deste com o nascimento dos filhos. O casal

estabelece uma nova residência na vizinhança do sogro ou dos irmãos. Mas também são encontrados casos de uxorilocalidade (o esposo residir na casa do pai da esposa).

Mangolim (1999, p. 57) acrescenta que:

Os Terena são monogâmicos. A fidelidade conjugal é valorizada como elemento de construção da própria identidade. Um costume preservado desde muitos séculos é a convivência entre as famílias e o preparo das crianças em função do casamento. Normalmente a mãe ou o pai do menino, na maioria das vezes a mãe, vai buscar uma menina em outra família para que ela se acostume desde cedo na convivência com seu filho. Eles crescem juntos para se acostumar [...]. Não se trata de filhos predestinados nem de casamento arranjado. Eles poderão não se casar quando crescer. O que quase nunca acontece.

2.2.2 Cultura

Massimi (1990, p. 09), que descreve traços culturais indígenas antigos por meio dos escritos de missionários e viajantes, explica que “A criança participa desde cedo da vida da família e da comunidade indígena: no trabalho na roça, as mães carregam consigo os meninos em um pedaço de rede, chamado ‘tipoya’ segurando-os às costas ou ao colo”.

Em relação aos traços específicos da cultura, uma índia Kadiwéu (MULHER, 2005) relata que a transmissão familiar dos desenhos típicos desta etnia é repetida de forma idêntica, ao longo de gerações de uma família, e funciona como uma herança, não podendo nem mesmo ser copiado por outras famílias.

Sobre os Terena, Mangolim (1999, p. 56) pondera que “é na família que os pequenos aprendem o costume antigo do povo e o uso da língua materna. É interessante observar que tanto o pai quanto a mãe podem dispensar a totalidade de seu tempo para estar junto das crianças [...].”.

E completa ainda explicando que:

Desde a gestação, há fortes laços de carinho [...]. Após seu nascimento, o recém-nascido é conduzido por um processo de amor e ligação afetiva da mãe e do pai. O crescimento é acompanhado passo a passo, sem que do pequeno se descuidem por um só segundo. Aprende desde pequeno a língua materna. Com o crescimento, há a continuidade do ensino-aprendizagem de sua história. Pela noite, é tarefa do avô estar junto ao pequeno, transmitindo-lhe as proezas e aventuras de seu povo: de onde vieram, as dificuldades que

enfrentaram, como o mundo foi criado, as maravilhosas fontes de benção que “Itukó oviti” (Deus) tem reservado para eles (MANGOLIM, 1999, p. 59).

2.2.3 Criança e Educação

Cardim (1939 apud Massimi, 1990, p. 10-11), descrevendo a relação entre pais e filhos indígenas no período colonial, relata que:

[...] os índios não têm nenhum tipo de castigo para os filhos, aos quais nunca aplicam punições físicas ou morais, porque os amam muitíssimo. [...] Talvez o segredo da pedagogia indígena esteja na relação de dependência e estima entre filhos e pais, estabelecida e cultivada através de uma convivência estreita e contínua, pois, como já vimos, na comunidade não há uma divisão real entre o mundo da infância e o mundo dos adultos. A relação educativa se estrutura e se impõe, assim, com muita naturalidade, pois a criança aprende a lidar com a realidade sempre na companhia dos pais, cujos conhecimentos, habilidades e segurança lhes são transmitidas aos poucos.

Schaden (1974) cita que é notório o fato de a criança Guarani ser independente e explica que estes indígenas não acreditam em métodos educativos. Suas crianças são tratadas como adultos, respeitando-se sua personalidade e vontade individual.

Comentando a respeito dos Guarani-Kaiowá, Lino (2006, p. 28) afirma que:

Os outros que existem na reserva fazem parte de um contexto social para a criança que desde muito cedo aprende a ser livre, a brincar sem punições por suas iniciativas de curiosidade. Dessa forma, percebe-se que desde o nascimento, a criança é bem-vinda nessa população. A gravidez de uma maneira geral é bem recebida pelas indígenas.

Lino (2006, p. 86-87) também conclui que é muito rico o relacionamento encontrado nos primeiros vínculos, e este permanece até que a criança não precise mais da mãe. E completa ainda que:

A mãe, ao mesmo tempo, não cerceia seu filho dos simples conhecimentos cotidianos de que toda criança se ocupa, não restringe suas curiosidades cotidianas de exploração do ambiente [...]. Não pune, não restringe sua presença física, não castiga [...] o principal meio de educar uma criança é pelo diálogo [...]. Nota-se que a mãe índia tem papel fundamental, tanto em relação aos primeiros cuidados, quanto em relação à educação, mas por ser uma sociedade em que o homem tem voz ativa, cabe ao homem também o papel na educação dos filhos.

A respeito dos Terena, Mangolim (1999, p. 56) relata que

O sistema educacional Terena está estritamente ligado à família nuclear. É ali que se dá a preparação (formação) do futuro terena em todos os sentidos. É responsabilidade do pai, mãe e do avô a formação afetiva, intelectual e para o trabalho [...]. Todos os moradores das aldeias falam de seus antepassados [...]. Vivem da tradição oral. O conhecimento e a memória do povo são passados de pai para filho [...].

Além desses subtemas apresentados, caberia mais um subtema relacionado à temática família – A Criança e o Brincar. Porém, como este tópico sugere uma discussão maior, foi-lhe dado um destaque à parte, para que pudesse ser melhor apresentado.

2.3 A CRIANÇA INDÍGENA E O BRINCAR: LUDICIDADE OU ROTINA CULTURAL?

De acordo com alguns autores (KISHIMOTO, 1993; VELASCO, 1996), a criança indígena não brinca, mas sim aprende com os pais os afazeres domésticos específicos de cada gênero. Dessa forma, a menina acompanha a mãe e aprende, entre outras coisas, como cuidar das crianças e preparar as refeições; já os meninos acompanham o cultivo e a caça dos alimentos.

Porém Silva et al. (2002, p. 73-74) relatam que:

Para as crianças, o dia-a-dia na aldeia vai-se alternando entre algumas tarefas domésticas que observam, fazem sozinhas ou nas quais ajudam: lavar roupas e louças, tomar conta dos irmãos e irmãs menores, dar-lhes banho, [...]. Essas tarefas domésticas e outras atividades produtivas de que as crianças fazem parte são de verdade [...]. No entanto, o fato de ser tudo de verdade não impede a presença do componente lúdico, ainda que por vezes dissimulada pela responsabilidade que também é preciso assumir.

Mas Velasco (1996) refere-se ao brincar da criança indígena como uma atividade diferenciada da atividade lúdica. A brincadeira seria um exercício de preparação para a vida adulta, já que aprendem as atividades de seu cotidiano.

Já Kishimoto (1993, p. 72) apresenta uma concepção diferenciada sobre o brincar da criança indígena:

Atirar com arco e flecha não é uma brincadeira, é um treino para caça. Imitar animais são comportamentos místicos tanto de adultos como de crianças, reflexos de símbolos totêmicos antigos. Misturados com os adultos, participando de tudo na tribo, pequenos curumins não se distinguem por comportamentos particulares como o brincar. [...] As brincadeiras não pertencem ao reduto infantil. Os adultos também brincam de peteca, de jogo de fio e imitam animais. Não se pode falar em jogos típicos de crianças indígenas. Existem jogos indígenas e o significado de jogo é o distinto de outras culturas nas quais a criança destaca-se do mundo adulto.

Mas, no geral, a grande maioria dos autores concorda que a criança indígena apresenta o comportamento lúdico em suas atividades. Nesse sentido, Meliá (1979 apud LINO, 2006, p. 31) afirma que “[...] sabe-se que a criança aprende brincando. A originalidade aqui é que o índio, já desde pequeno, brinca de trabalhar. Seu brinquedo é conforme o sexo, o instrumento de trabalho do pai ou da mãe”.

E, ainda assim, são encontrados diferentes brinquedos nas mais diferentes aldeias indígenas do país. De modo geral, os brinquedos das crianças indígenas no Brasil variam de acordo com as matérias-primas encontradas no meio ambiente, sendo mais comuns os brinquedos feitos de palha, madeira ou barro.

Embora hoje seja comum a criança indígena pedir bonecas e bolas de plástico, seus brinquedos geralmente são miniaturas de objetos do uso cotidiano de cada sociedade e têm como objetivo divertir e educar para o desempenho das tarefas que essas crianças irão realizar quando adultas.

A propósito dessa maneira de brincar, muito freqüente no ambiente de crianças indígenas, Costa (2002, p. 113) considera que, a cada situação de jogo tradicional, podem ser associados ritos, cerimônias e costumes, havendo assim um patrimônio simbólico cultural, que mesmo impregnado de normas e características atuais, “enraíza-se nas profundezas do imaginário [...]” e torna-se um “[...] arcabouço estruturante da cultura de uma sociedade, reservatório arquético de outros momentos da cultura que interagem com as intimações objetivas da época em que vivem”.

O brinquedo, por ser construído de acordo com imagens introduzidas pela cultura, possui diferentes atributos, assim como as diferentes sociedades possuem diferentes maneiras de ver, tratar e educar suas crianças. Nesse sentido, o brinquedo representa imagens dotadas

de significados que expressam os traços e valores culturais passados de uma geração para outra (BROUGÈRE, 1997).

Por isso, na tentativa de se compreender melhor as brincadeiras e a recuperação do sentido lúdico de cada povo, tem de se entender, primeiramente, o modo de vida de tal agrupamento humano, em seu tempo e espaço. Surge daí a imagem que se faz da criança, de seus valores, seus costumes e suas brincadeiras, pois com a cultura é que se constroem analogias que delimitam para cada povo o que é designável como jogo (KISHIMOTO, 1993).

Huizinga (1938, apud GUEDES, 2002, p. 46), evidencia que:

Uma parte importante do capital cultural de cada grupo étnico reside no seu patrimônio lúdico, que se vai enriquecendo com as gerações vindouras. Jogos ou danças, ou cantilena que constituem uma cultura oral, na medida em que se adaptam aos condicionalismos geográficos, aos princípios religiosos, à maneira de ser dos seus praticantes.

Também Papalia e Olds, (2000, p. 221) ressaltam que "Os modos específicos de brincar diferem de cultura para cultura que pode ser influenciada pelos ambientes que os adultos proporcionam para as crianças, os quais tendem a refletir valores culturais". Preparando a pessoa para ocupar um lugar na sociedade, o modo de brincar reproduz formas de socialização, preconceitos e convenções sociais.

Com todas estas considerações, pode-se ver que a cultura está muito presente no modo de brincar e na própria ludicidade de um povo. Mas, de uma forma geral, pode-se pensar que a criança índia brinca enquanto aprende, e isso não precisa, necessariamente, excluir o sentido de lazer da criança, já que é parte de sua cultura e natural (não imposto por outros) como o próprio ato de brincar.

Outro aspecto que se torna aparente ao longo do texto é o fato de as crianças possuírem brinquedos. E isso se deve a um processo de intercâmbio cultural que o índio vem sofrendo há tempos e que acaba por introduzir materiais e comportamentos antes não observados. Mas, quando se diz "comportamentos antes não observados", não se refere ao significado do brincar propriamente dito, mas ao comportamento de brincar com objetos prontos e que não faziam parte de seu cotidiano.

Mais adiante, no capítulo 4, serão apresentados dados sobre o brincar a criança Terena moradora da aldeia Córrego do Meio e discutido o assunto de forma mais específica.

CAPÍTULO 3

3 EXPLICANDO A PESQUISA

3.1 OBJETIVOS

3.1.1 Objetivo Geral

Analisar as vivências familiares dos Terena residentes na aldeia Córrego do Meio, buscando temas que permitam uma compreensão da sua configuração atual, nos aspectos social, emocional e cultural.

3.1.2 Objetivos Específicos

- Analisar aspectos do cotidiano familiar vivenciado pelos Terena;
- Discutir as formas de influência que a cultura Terena sofre a partir do contato direto e/ou indireto que mantêm com a sociedade nacional envolvente;
- Contribuir, de uma maneira geral, para maior conhecimento da cultura indígena Terena por meio dos resultados da pesquisa;
- Apontar diferentes enfoques que possam ser pesquisados em futuros estudos sobre a temática.

3.2 MÉTODO

De acordo com os objetivos apresentados, esta é uma pesquisa exploratória que tem por finalidade colher maiores informações a respeito dos Terena residentes em uma aldeia específica, de modo a facilitar pesquisas posteriores, já que são poucos os estudos voltados para esta aldeia encontrados na literatura. Isso corrobora com a idéia de que “[...] este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito” (FUNDAÇÃO, 2004, p. 07).

Por também se tratar de uma pesquisa qualitativa, utilizou-se a investigação etnográfica, na qual, segundo Grubits e Darraut-Harris (2004), estuda-se a cultura e que tem

como uma das premissas básicas a existência de uma cultura pela qual o pesquisador tem interesse ou que precisa ser conhecida. Surgem assim duas realidades diferentes, a conhecida, ou seja, própria do investigador e a que se deseja conhecer, cujas conclusões têm como base as descrições do real cultural o que permite obter os significados dessa realidade para os que dela pertençam.

Ribeiro (2003) aponta algumas distinções a respeito do emprego da etnografia por antropólogos e por psicólogos. Entre essas diferenças, destaca-se o fato de que na antropologia a pesquisa é realizada para conhecer a estrutura social de uma população ou grupo social, já na psicologia são focalizados os estudos nas relações interpessoais, sem pretensões quanto ao conhecimento da sociedade como um todo.

Buscou-se, então, conhecer uma realidade cultural diferenciada de acordo com os objetivos da pesquisa, através de entrevista aberta e de observações realizadas durante as visitas à Reserva, procedimento este em concordância com Triviños (1987), ao observar que o pesquisador se envolve com a vida e com os fenômenos próprios da comunidade, mas com uma ação disciplinada e orientada por princípios e estratégias.

Em relação ao método qualitativo, pode-se dizer que este surgiu basicamente ao mesmo tempo em que se deu início às Ciências do Homem, quando a própria pessoa se torna objeto de pesquisa na compreensão da pessoa e sua cultura, sem restringir esse objeto ao campo da Filosofia. Seu desenvolvimento como método de pesquisa científica se deu a partir da disciplina de Antropologia e seus estudos, com contribuições de sociólogos e educadores, psicanalistas e, mais recentemente, de psicólogos, médicos e enfermeiros (TURATO, 2003).

Por ser uma metodologia relativamente nova, o método qualitativo ainda hoje sofre com a desinformação de alguns pesquisadores que erroneamente configuram tais pesquisas como *soft sciences*, por não conterem dados objetivos e mensurados (TURATO, 2004).

Segundo Denzin e Lincoln (1994 *apud* TURATO, 2003, p. 191), a pesquisa qualitativa envolve “[...] uma abordagem interpretativa e naturalística para seu assunto [...] os pesquisadores qualitativos estudam as coisas em seu *setting* natural, tentando dar sentido ou interpretar fenômenos em termos das significações que as pessoas trazem para eles”.

Nas idas às reservas, visitaram-se as escolas, onde foram realizados contatos com os diretores e professores da instituição. Em diferentes momentos, a partir do consentimento dos

pais e das crianças, foram realizadas entrevistas, observações e tiradas fotografias, procurando sempre respeitar os limites verbalizados e não verbalizados expostos pelos participantes.

Também utilizou-se o estudo de caso como estratégia de investigação, sendo definido por Yin (1981a, 1981b apud YIN, 2005, p. 32) como “[...] uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

Segundo Hartley (1994, apud DIAS, 2000, p. 02), o estudo de caso é útil em diferentes situações específicas, entre as quais ele cita a compreensão dos processos sociais em seu contexto organizacional ou ambiental e a exploração de novos processos ou comportamentos. Nesse sentido, os estudos de caso têm a importante função de gerar hipóteses e construir teorias.

Também nesta pesquisa, teve-se como base a abordagem sócio-histórica, através da qual, segundo Bock et al. (1999), a pessoa e seu mundo psíquico são percebidos como uma construção histórica, ou seja, ela constrói ativamente sua existência através de sua ação sobre a realidade.

Dessa forma, as relações e os vínculos sociais vivenciados por uma pessoa em uma determinada sociedade e em um determinado momento histórico se tornam o meio para sua compreensão.

Assim, para conhecer o homem é preciso situá-lo em um momento histórico, identificar as determinações e desvendá-las. Para entender o movimento contraditório da totalidade na qual se encontram os indivíduos, deve-se partir do geral para o particular – para o processo individual de relação entre atividade e consciência. É necessário perceber o singular e seu movimento como parte do movimento geral e, ao revelar essas mediações, compreender não só o geral, mas o particular (BOCK et al., 1999, p. 92).

Investigando algo além das aparências, esta abordagem oferece um meio para analisar uma dimensão subjetiva da realidade, que se contextualiza nas relações sociais e permite a vivência de experiências e a construção de uma subjetividade individual. Assim o particular se torna uma instância da totalidade social, e o pesquisador, parte integrante do processo de investigação, já que mantém uma relação com o participante da pesquisa.

Considerando o pesquisador como parte atuante da pesquisa, Freitas (2002) assinala a impossibilidade quanto à neutralidade das ações do investigador, reconhecendo um processo de aprendizagem e transformação dele próprio. Propõe ainda que também o participante tenha a possibilidade de aprender e de refletir durante o processo de pesquisa, tornando este um trabalho de educação e desenvolvimento.

Já em relação aos objetivos e resultados do trabalho, Freitas (2002, p. 26) argumenta que:

Na pesquisa qualitativa com enfoque sócio-histórico não se investiga em razão de resultados, [...] as questões formuladas para a pesquisa não são estabelecidas a partir da operacionalização de variáveis, mas se orientam para a compreensão dos fenômenos em toda a sua complexidade e em seu acontecer histórico. Isto é, não se cria artificialmente uma situação para ser pesquisada, mas se vai ao encontro da situação no seu acontecer, no seu processo de desenvolvimento.

Vygotski (1998), considerando que a conduta humana advém do desenvolvimento histórico e cultural além de sua evolução biológica, propõe um estudo dos fenômenos humanos através de seus processos de transformações e mudanças, ou seja, em seu aspecto histórico. Mostra também que o pesquisador deve ter uma preocupação maior com o processo em observação do que com o produto desta. E, para isso, deve ir à gênese da questão, reconstruindo a história de sua origem e de seu desenvolvimento.

Também se referindo a esta preocupação de que o investigador que trabalha com a pesquisa qualitativa numa abordagem sócio-histórica deve estar atento, Freitas (2002) aponta a necessidade de compreensão dos eventos investigados, com as descrições destes e análise das possíveis relações do indivíduo com o social. E completa ainda que:

[...] na investigação qualitativa de cunho sócio-histórico vai-se a campo com uma preocupação inicial, um objetivo central, uma questão orientadora. Para buscar compreender a questão formulada é necessário inicialmente uma aproximação, ou melhor, uma imersão no campo para familiarizar-se com a situação ou com os sujeitos a serem pesquisados. Para tal o pesquisador freqüenta os locais em que acontecem os fatos nos quais está interessado, preocupando-se em observá-los, entrar em contato com pessoas, conversando e recolhendo material produzido por elas ou a elas relacionado. Procura dessa maneira trabalhar com dados qualitativos que envolvem a descrição pormenorizada das pessoas, locais e fatos envolvidos. A partir daí, ligadas à questão orientadora, vão surgindo outras questões que levarão a uma compreensão da situação estudada (FREITAS, 2002, p. 28).

Entendendo que, na pesquisa qualitativa, também o pesquisador se torna um instrumento de pesquisa além de ser um sujeito participante, buscaram-se conclusões para a pesquisa através da descrição do real cultural, atentando-se para uma participação ativa na tentativa de compreender significados específicos da cultura.

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Participaram desta pesquisa três famílias, moradoras da aldeia Córrego do Meio. Seguindo os objetivos iniciais do trabalho haviam sido escolhidas crianças com idade na faixa etária entre 08 e 12 anos. Porém, com o andamento da pesquisa, surgiram dados importantes o que levou à reavaliação dos participantes, quando, então, optou-se por incluir a família das crianças escolhidas.

3.4 RECURSOS MATERIAIS

Para realização desta pesquisa, foram utilizados materiais de escritório, tais como lápis, borracha, caneta e folhas de sulfite, além de máquina fotográfica, massa para modelar, giz de cera e lápis de cor.

3.5 LOCAL - ALDEIA CÓRREGO DO MEIO

Ao se tratar de uma temática indígena e, em especial, de uma aldeia indígena, logo vem à mente a imagem de uma aldeia com as casas arredondadas dispostas de forma circular, assim como nas figuras dos livros de História.

Mas não é esta a vista que se tem na aldeia Córrego do Meio e, sim, uma paisagem que remete a uma vila rural, com casas de madeira ou bambu cobertas com folhas de buriti¹², ou feitas de alvenaria sem acabamento. São elas separadas umas das outras por uma pequena

¹² Espécie de coqueiro encontrado na região.

distância, como em um bairro, porém sem divisórias entre elas. As ruas de chão batido que interligam a aldeia permitem o acesso de carro a diferentes pontos da aldeia.



Figura 5 – Entrada das Aldeias Córrego do Meio e Água Azul

Fonte: Foto de Denise S. P. Cabrera, 2006

Situada a 29 quilômetros de Sidrolândia, percorre-se 19 km de estrada de terra entre a estrada principal e a entrada da Reserva Buriti, da qual fazem parte as aldeias Córrego do Meio e Água Azul. Entrando na reserva, caminha-se mais um pequeno trecho até que se encontrem as primeiras casas.

Segundo dados da FUNAI e FUNASA, a reserva constitui-se de uma superfície de 2.090 hectares e perímetro de 24 quilômetros, com a população de aproximadamente 1.718 pessoas. Já a aldeia Córrego do Meio propriamente dita tem uma população de 565 pessoas. De acordo com informações verbais do diretor da escola da aldeia – Jubes Gabriel – os primeiros indígenas Terena se estabeleceram na região no ano de 1892, chegados de Aquidauana.

A aldeia Córrego do Meio possui, há nove anos, uma escola pública – Escola Municipal Indígena Cacique Armando Gabriel – cuja maioria de funcionários são indígenas, incluindo o diretor e os professores, dos quais apenas uma professora não é indígena, mas é casada com um Terena.



Figura 6 – Escola Municipal Indígena Cacique Armando Gabriel

Foto: Denise S. P. Cabrera

Essa escola, que oferece o ensino fundamental, a partir de 2006, passou a oferecer também o ensino médio, com funcionamento nos períodos matutino, vespertino e noturno, oportunizando o acesso à educação e à cultura, já que o ensino da língua Terena é obrigatório.

Quanto ao sistema de educação escolar da população Terena em geral, Mangolim (1999, p. 76) afirma que:

Há também o fato de que alguns professores Terena falam a língua materna, mas não usam em sala de aula. Este é um fator desfavorável, uma vez que a criança Terena, tendo aprendido sua língua desde cedo com os pais, chega na escola e o professor que sabe a língua não a usa, como se isso fosse algo terrível, vai criando na criança um certo sentimento de que sua língua é inferior ou dificultando a aprendizagem. Esta situação acontece em poucas aldeias. Na grande maioria delas, e a maior parte dos professores Terena estão em crescente busca de recuperar o tempo perdido e trabalhar com o seu próprio idioma [...]

Explica, ainda, o autor que apenas nas aldeias Limão Verde e Ipegue (ambas no município de Aquidauana) o uso do português é mais acentuado. E, geralmente, a criança chega à escola já falando o Terena e o português, mas é alfabetizada em português, e a língua materna é usada para esclarecer dúvidas no processo de alfabetização.

Mas, de acordo com Martinez (2003, p. 45), na aldeia Córrego do Meio, “os aspectos culturais, assim como o uso do idioma original, estão desaparecendo, especialmente entre os

mais novos; somente alguns mais antigos falam ainda o dialeto materno, já muito misturado com o português”, assim como o observado durante a realização deste trabalho e que será discutido no próximo capítulo.

Em seus estudos a respeito da escola e educação indígena, Nascimento (2004, p. 09) cita que:

[...] os povos indígenas em nosso Estado voltam-se cada vez mais para a escola, reconhecendo sua importância para o fortalecimento e maior autonomia frente a um entorno regional marcado pelo preconceito e que segue mostrando-se fechado às suas reivindicações pelo reconhecimento da diferença, porém com igualdade de direitos.

Porém ainda há uma discordância quanto à ideologia e método aplicado nas escolas, e esta discordância é sinalizada pelos próprios indígenas das diferentes etnias no trabalho de Nascimento (2004). Em seu livro, o autor coloca o ponto de vista de um índio Kaiová de uma aldeia de Dourados/MS o qual defende a idéia de que a criança índia deveria ir à escola somente depois dos dez anos porque já estaria, então, sabendo mais de sua cultura.

Uma outra índia Kaiová de Caarapó/MS relatou que é melhor, na escola, que as crianças aprendam a falar e escrever somente o português para que elas possam falar com o não-índio e assim não distorcer a função da escola, que é aprender o português.

Também Lino (2006, p. 64) cita que “alguns indígenas têm resistência em aceitar o ensino da língua materna Guarani-Kaiowá, pois justificam que a língua materna não será necessária para o filho no decorrer da vida acadêmica, ao contrário da Língua Portuguesa [...]”. Além disso, os pais também resistem ao fato de que seus filhos tenham professores indígenas, por não acreditarem que os índios sejam tão capacitados para ensinar quanto o professor não índio.

Uma outra realidade escolar é vivenciada pelos Kadiwéu, cuja etnia já se encontra do lado de fora da escola, nos muros pintados com seus motivos e desenhos. A maioria das crianças chega à escola falando apenas o idioma materno, o Kadiwéu, já que esta é a língua mais comumente falada, tanto por crianças como por adultos.

Desta forma, o fato da maioria das crianças ter como língua primeira o idioma Kadiwéu e aprender o português apenas na escola já é sem dúvida alguma de grande importância para a afirmação da identidade Kadiwéu; é

certamente um aspecto de enorme influência no desenvolvimento da identidade, no sentimento de orgulho em ser Kadiwéu, na auto-estima da etnia, sentimentos fortemente presentes nos Kadiwéu [...] (SILVA, 2004, p. 141)

Silva (2004, p. 141) complementa que “perder sua própria língua, ter que se submeter a uma outra linguagem que não a sua, uma linguagem de um outro grupo social que não o seu, é certamente um aspecto de grande influência na perda da própria história e da própria identidade cultural”.

Em relação à saúde, atualmente a aldeia Córrego do Meio conta com um posto da FUNASA onde é prestado atendimento médico, odontológico e psicológico. Também há um local apropriado para o funcionamento de um programa federal de erradicação do trabalho infantil.



Figura 7 – Vista de uma das casas da aldeia Córrego do Meio

Fonte: Foto de Denise S. P. Cabrera, 2006

O principal meio de subsistência dessa comunidade Terena ainda é a agricultura, havendo duas cooperativas agrícolas na aldeia. A pecuária também se tornou uma alternativa para alguns indígenas, principalmente para os que aprenderam a lidar com o gado, ao trabalharem em fazendas vizinhas à região. Com as constantes disputas de terras na região, o trabalho em fazendas vizinhas, antes uma opção comum para os indígenas, torna-se algo

improvável nos dias atuais já que dezenove fazendas vizinhas encontram-se em conflito com as autoridades da Reserva devido a ocupações e demarcações de terras.

3.6 ASPECTOS ÉTICOS

Para os pesquisadores, principalmente os que trabalham com seres humanos, é de vital importância respeitar e atuar mediante uma série de regras previstas para a realização de uma pesquisa, o que se torna um fato crucial principalmente em pesquisas que envolvem comunidades indígenas.

Em observância a tal aspecto, procurou-se respeitar a resolução número 196, de 10 de outubro de 1996, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que visa assegurar os direitos e deveres relativos à comunidade científica, aos participantes da pesquisa e ao Estado, além de cumprir todas suas exigências.

Também se ateve, neste trabalho, às exigências e critérios estabelecidos pelo Conselho Federal de Psicologia, na sua resolução número 016/2000, que normatiza a pesquisa com seres humanos na área de Psicologia.

Foram obtidos os avais para a realização da pesquisa com o cacique da reserva Córrego do Meio, autorização esta que se estende a toda comunidade. Da mesma forma, obtidas autorizações da FUNAI e dos pais das crianças participantes, com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice 1), previsto na resolução número 196/96 da CONEP.

Este trabalho foi desenvolvido de forma a não promover interferências nos hábitos, costumes ou normas das comunidades pesquisadas e de forma respeitosa em relação às diferenças encontradas durante o trabalho.

O projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética da Universidade Católica Dom Bosco e à Comissão Nacional de Ética em Pesquisas – CONEP – do Conselho Nacional de Saúde (Parecer nº 1634/2005, Registro nº 12065). Sendo enviado também uma declaração assinada sobre o conhecimento das resoluções anteriormente citadas (apêndice 2).

Houve também a preocupação em manter em sigilo a identificação dos participantes da pesquisa, das famílias e de seus componentes, para o que se utilizaram nomes fictícios.

3.7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização desta pesquisa, realizaram-se oito visitas à aldeia indígena Terena - Aldeia Córrego do Meio - localizada entre as cidades de Sidrolândia e Dois Irmãos do Buriti.

O primeiro contato se deu na escola e, a partir de então, as famílias foram sendo escolhidas, ou melhor, foram se escolhendo, já que, dentre os pais, dois se dispuseram a participar e a terceira família foi indicação do diretor da escola, tendo como critério haver na família uma criança com idade entre oito e doze anos.

Nas visitas à escola e às casas das famílias escolhidas, muitas vezes, os encontros foram acompanhados pela professora Sonia Grubits, que também trabalha com a etnia Terena. Sempre atenciosos, embora muitas vezes reservados, os indígenas entrevistados aceitaram prontamente o pedido de participação. Após as visitas, relatavam-se por escrito os diálogos e as observações realizadas (Apêndice 3).

Para algumas das visitas, houve certa dificuldade de acesso à aldeia devido aos constantes conflitos políticos motivados pela disputa de terra existente com os fazendeiros vizinhos. Nessa situação, as visitas foram desaconselhadas pelo diretor da escola.

Durante as entrevistas, optou-se por contemplar perguntas tais como: quantas pessoas moram na casa, qual o parentesco delas, idade, grau de escolaridade, profissão, forma de educação das crianças, formas de brincar, quais brinquedos têm, a vida cotidiana, entre outras.

Após as visitas e entrevistas passou-se à análise dos resultados, organizando as falas e depoimentos de acordo com os temas mais relevantes que se destacaram nas entrevistas.

4 ANÁLISE DO COTIDIANO TERENA

Este capítulo trata dos relatos colhidos nas visitas à aldeia indígena Terena – Córrego do Meio – em Mato Grosso do Sul. Conforme exposto anteriormente no capítulo III sobre metodologia, participaram três famílias de uma amostra de conveniência dos residentes na aldeia Córrego do Meio.

Ao realizar uma análise dos primeiros dados coletados, logo evidenciou-se que um novo foco para a pesquisa ia se configurando, escapando à temática anteriormente escolhida - o brincar. Alguns aspectos do cotidiano das famílias participantes foram se destacando e, dessa forma, percebeu-se que o trabalho deveria se tornar mais abrangente.

No presente capítulo, são expostos primeiramente os resultados mais significativos obtidos com cada família e, posteriormente, alguns temas selecionados para discussão de acordo com a literatura utilizada.

Com a preocupação em manter o sigilo quanto à identidade dos participantes, optou-se por nomes fictícios de forma a proteger-lhes a identidade.

4.1 DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS: AS FAMÍLIAS

4.1.1 Família 1

Na residência da Família 1, moram os pais e três filhos (Luciana, 08 anos, Marcelo, 06 anos e Cláudio, 08 meses). As entrevistas foram todas realizadas com a mãe (Márcia) e com os filhos mais velhos, já que o marido estava na lavoura trabalhando ou de saída para o trabalho.

A casa onde moram é de alvenaria, mas não possui reboco ou pintura, na área externa da casa, há uma varanda feita de bambu e coberta com folhas de buriti. Na casa há televisão e rádio. Márcia cuida da casa e dos filhos e, algumas vezes, ajuda sua mãe na fabricação de cerâmica, a qual é vendida durante um evento anual realizado na cidade para exposição de flores. Seu marido trabalha na lavoura e atualmente planta arroz, sendo assim a agricultura a fonte de sustento financeiro da família.

Na maioria das entrevistas e observações, a filha mais velha, Luciana, estava segurando no colo o irmão caçula enquanto a mãe estava no quintal assistindo à televisão, conversando com vizinhas ou lavando a roupa. Em alguns momentos, Márcia pegou Cláudio dos braços de Luciana para que ela conversasse com os pesquisadores; já outras vezes, Luciana continuava com o irmão no colo ou o pegava para que a mãe conversasse. Durante todas as conversas as crianças permaneciam ao redor, respondendo às perguntas ou apenas ouvindo a conversa.

Na entrevista, Márcia relatou que a filha ajuda nos cuidados com o irmão mais novo e vai aprendendo com o que ela faz, assim como ela mesma aprendeu com sua mãe. Luciana também explicou que ajuda sua mãe em casa, lavando vasilhas e varrendo. Completou dizendo que gostaria de cozinhar, mas a mãe não o deixa por achá-la muito nova. Também, em relação ao filho do meio, Márcia comentou que ele gosta de ir para a roça com o pai, mas pouco ajuda, pois ainda é novo, embora já trabalhe com a enxada.

As brincadeiras relatadas por esta família apresentaram um brincar semelhante entre a infância dos pais e a dos filhos, embora a própria família observe algumas diferenças. A mãe conta que brincava com bonecas de pano que sua mãe fazia e completa dizendo que a filha brinca com boneca de plástico, mas prefere ficar correndo e subindo em árvores junto de outras crianças.

Quando questionada a respeito das brincadeiras e brinquedos, Luciana respondeu que gosta de jogar futebol com outras meninas, brincar de boneca nos galhos das árvores, esconde-esconde, turito¹³, amarelinha, agacha-agacha, pega-pega, subir nas árvores para pegar frutas, nadar no rio, desenhar e pintar. No meio da conversa, a mãe cita o fato de Luciana gostar de assistir à televisão, surgindo assim a televisão como modo de diversão/lazer, comparado ao brincar. Em relação ao filho, a mãe relata que Marcelo gosta de jogar futebol e brincar no rio.

Márcia comenta que seus filhos não são desobedientes; geralmente as crianças ficam perto da mãe e só não mais andam juntas dos pais quando ficam adolescentes e, então, não precisam mais obedecer. Fala ainda que seus filhos obedecem mais a ela porque é ela que está sempre presente. Quando a criança desobedece, Márcia fala novamente com o filho; mas, se mais uma vez ele desobedecer, ele acaba levando umas palmadas ou umas “varinhadas” com

¹³ Brincadeira também conhecida por Cinco Marias.

vara verde. Quando perguntada sobre o que as crianças costumam fazer de errado, Márcia citou que geralmente é subir em árvore.

Márcia também relatou que costuma ir à cidade uma vez por mês, quando faz as compras para a família. Devido ao alto custo da passagem de ônibus, no valor de cinco reais, não é sempre que ela e seu marido levam seus filhos mais velhos, já que do filho mais novo ainda não é cobrada a passagem.

Também foi explicado por Márcia que as famílias da aldeia costumam visitar parentes que moram em outras aldeias mais próximas da cidade ou na própria cidade, mas, como seus parentes e os de seu esposo moram todos em Córrego do Meio, eles não visitam outras aldeias ou Sidrolândia com esse propósito.

Sobre a língua materna, conta que ela e seu marido não sabem falar Terena, mas entendem algumas palavras, e diz que apenas sua mãe fala bem o idioma. Luciana sabe falar algumas palavras, tendo aprendido com seu avô, já falecido. Márcia e Luciana também dançam a siputrena em algumas festividades que ocorrem na reserva.

4.1.2 Família 2

A família 2, composta pela mãe (Ana) e duas filhas (Beatriz, 12 anos e Daniela, 08 anos), mora também na casa dos pais de Ana. Na casa também moram um irmão adotivo (20 anos) e três sobrinhos (21, 19 e 26 anos), filhos de sua irmã mais velha já falecida. Ana é professora, com especialização em Psicopedagogia, e tem planos de iniciar mestrado em educação. As entrevistas foram realizadas na escola e na residência, principalmente com Ana e Daniela.

A casa onde moram é de alvenaria, mas não possui qualquer reboco ou pintura. A família tem televisão, rádio e um automóvel. Ana contou que vai à cidade para fazer suas compras e receber o pagamento. Ela relatou que costuma ir uma vez por mês, porque seu acesso é mais fácil por possuir um carro. Ana também possui duas casas na cidade, uma está alugada para outros indígenas que trabalham na cidade e a outra fica à sua disposição, pois é lá que passa as férias. Sobre suas férias na cidade disse que sua filha mais nova gosta de passar um tempo na cidade, pois lá tem para brincar as primas, que são suas vizinhas. Já sua filha mais velha não gosta de ficar na cidade, preferindo nem mesmo passar uma noite lá.

Também nesta família há uma criança que ajuda nos afazeres domésticos, Beatriz, que toma conta da casa enquanto sai para trabalhar a mãe, Ana, que trabalha em período integral. Segundo relatos da entrevista, Ana revela que desde muito cedo Beatriz fazia almoço e cuidava da casa, tendo sido preparado um banquinho para que a filha pudesse subir e alcançar as panelas. Conta ainda que também quando pequena auxiliava sua família nos afazeres domésticos como obrigação, já que seus irmãos eram mais velhos e saiam para trabalhar.

Ana explica que sempre quis ter uma vida diferente dos seus pais que eram lavradores, e que queria poder oferecer uma velhice mais confortável para eles, assim como o melhor para as filhas. Por isso saiu da reserva para morar e estudar na cidade, cursar a faculdade e a especialização.

Da mesma forma, quer oferecer isso para as filhas e pretende colocar a filha mais velha na escola da cidade no próximo ano, já que lá ela poderá fazer um curso de informática. Dependendo da situação, pretende ela deixar as duas filhas e sua mãe morando na cidade, porém seu pai não aceita morar na cidade, assim como sua filha mais velha. E ainda coloca que:

- [...] *não sei se tive essas idéias dos outros de fora por ter vivido lá [...]* (Ana).

Respondendo às perguntas sobre o brincar, Daniela comentou que gosta de subir em árvores para colher frutas ou apenas para ficar em cima dos galhos, brincar de pega-pega, jogar turito, brincar de boneca e pular corda. Sua mãe completou dizendo que Daniela gosta de jogar bola, mas que, em seu tempo, isso era coisa de meninos e não de meninas e que atualmente a maioria das meninas gosta de jogar futebol.

Ana também comentou o costume das crianças de irem para o rio, onde brincam de pega-pega e de nadar. Daniela explicou que “o peixinho ensinou” (sic) ela nadar, aparecendo aqui uma lenda Terena que conta que a criança deve engolir um peixe bem pequeno para que ela aprenda a nadar e não corra o risco de se afogar.

Quanto à educação, Ana fala que as crianças não costumam ser desobedientes e que com sua filha ela costuma conversar e explicar o que é errado, se não resolve, ela então ameaça bater e pega uma vara verde. Se mesmo assim continua, são dadas três “varinhadas”.

Responde também que é mais a mãe que cria os filhos porque geralmente o pai trabalha, mas mesmo assim as crianças têm mais respeito ao pai.

Sobre a língua materna, Ana conta que a entende, mas não fala o “idioma” e que seus pais e irmãs mais velhas o falam, mas não costumam conversar entre si. Quando perguntada por que não aprendeu a falar o “idioma”, Ana explica que, por ser a mais nova, tinha a obrigação dos afazeres de casa, enquanto os pais e as irmãs trabalhavam, e também por ter saído de casa para estudar na cidade.

Comentando sobre a situação financeira dos indígenas, explicou que há uma diferença financeira visível entre os indígenas que são funcionários públicos e os demais, completando ainda que quem possui carro na aldeia são somente os professores e o auxiliar de enfermagem, todos funcionários públicos.

4.1.3 Família 3

A Família 3 é composta pelos pais (João e Maria) e dois filhos (Tiago, 12 anos e Pedro, 08 anos). Os pais são professores, mas atualmente João ocupa cargo de diretor da escola. As entrevistas foram realizadas na escola, principalmente com João e Pedro.

A casa onde moram é de alvenaria, pintada e rebocada, com aparência bastante diferenciada das demais. Eles possuem televisão, rádio, DVD, vídeo-game e um automóvel. Assim como a Família 2, esta tem o acesso mais fácil à cidade por possuir carro. João relata que costumam ir duas vezes por mês para a cidade de Sidrolândia, com exceção das vezes que vai a trabalho devido ao cargo que ocupa na escola. A família costuma passar as férias nessa cidade, na casa de seu pai.

Maria comentou que o filho fica em companhia dos primos brincando no período em que não está na escola. Conta ainda que Pedro é obediente e pede permissão aos pais sempre que quer ir brincar no rio, o que só é permitido quando a tia acompanha as crianças. Pedro falou que gosta de carpir o quintal, porém em outro momento, sua mãe explicou que ele apenas acompanha um primo mais velho nesta tarefa.

João diz notar algumas diferenças entre sua infância e a de seu filho, principalmente pelo fato de haver mais acesso à televisão do que no seu tempo, já que havia apenas uma televisão na aldeia e as pessoas se reuniam para assistir aos programas. Completou ainda

dizendo que, em sua infância, costumava brincar com o que o meio oferecia, principalmente no rio, onde pescava, nadava e brincava, além de jogar bolita, futebol e cinco-marias.

Já em entrevista com Pedro, pôde-se perceber uma diferença mais marcante entre as duas infâncias, já que este respondeu que gosta de jogar videogame na própria casa ou em fliperamas em Sidrolândia, onde costuma ir com os pais, principalmente nas férias. Mas revela também brincar de carrinho, jogar bola e subir nas árvores para apanhar manga.

Maria acrescentou que o filho costuma brincar com peões feitos de tampas de plásticos de remédios e detergentes. Sobre sua própria infância, falou que, aos nove anos, já ajudava sua mãe nos afazeres domésticos, pois suas irmãs mais velhas já eram casadas. Explicou que, nessa época, ainda não havia água encanada na reserva e, por isso, iam até o córrego para lavarem as roupas; ela lavava as peças pequenas, enquanto a mãe lavava as roupas mais pesadas.

Sobre a língua materna, João relatou que não a sabe falar e apenas entende algumas palavras. Embora não soubesse explicar por que não aprendeu o idioma, julga que, como não precisava usar a língua, não houve interesse em aprendê-la; porém fica evidente seu interesse no resgate e preservação dela. Por trabalhar na escola, João explica que sente que os pais deixam a cargo da escola e dos professores a função de ensinar o idioma e outros aspectos da cultura Terena.

4.2 OUTROS DADOS SIGNIFICATIVOS

Uma prática comum na reserva é realizar a compra de produtos alimentícios e outros bens de consumo na cidade de Sidrolândia. Essas visitas à cidade são realizadas pela maioria das famílias em ônibus que percorre um trajeto entre as aldeias próximas e a cidade. Esta linha existe devido a um acordo entre as lideranças da Reserva e uma empresa privada de transportes, que cobra cinco reais pela passagem. O transporte é realizado de segunda a sexta-feira até o dia quinze de todo mês, e segunda, quarta e sexta-feira, no restante do mês.

Dentro da reserva não há muitos estabelecimentos comerciais, apenas os “botecos”, termo utilizado em referência às pequenas mercearias, onde geralmente os indígenas

compram as mercadorias que tenham acabado antes da próxima compra mensal.

Os atendimentos médicos são realizados na própria reserva em um posto de saúde, porém este apenas funciona de segunda a sexta-feira e dispõe de uma equipe com médicos, dentistas e psicólogos, além de um indígena da comunidade que é auxiliar de enfermagem e atende às emergências nos fins de semana.

Assim como esse indígena que é auxiliar de enfermagem, também na escola há dezesseis professores índios, dos quais apenas uma professora não é indígena, mas é casada com um Terena e reside na aldeia. Doze funcionários são efetivados na escola, e os outros, apenas contratados. Todos estes Terena mantêm ou mantiveram um contato maior com a sociedade nacional envolvente e levam hoje para a reserva frutos deste contato, o que também ocorre com aproximadamente vinte e cinco jovens que fazem curso superior na capital do estado.

Vivenciando esta realidade, João (Família 3) cita a necessidade de mais jovens obterem aprimoramento escolar e profissional para que auxiliem nos cuidados e no desenvolvimento da comunidade.

Embora haja essa busca no sentido de modernização da aldeia, percebe-se, ao mesmo tempo, uma tentativa de resgatar e preservar alguns aspectos da cultura Terena que foram se perdendo. Assim, o ensino da língua materna é feito através de aulas obrigatórias na escola, onde os alunos também aprendem um pouco da história de seu povo, e do curso de cerâmica Terena, em aulas oferecidas por índias de uma outra aldeia.

Várias foram as reclamações ouvidas, no período da pesquisa, a respeito da aprendizagem das crianças. O desinteresse pelas aulas da língua materna é a principal queixa apresentada tanto por pais, como por professores e pelo diretor da escola.

4.3 ANÁLISE DOS TEMAS SELECIONADOS

4.3.1 Aspecto Sócio-Econômico

Com o decorrer das entrevistas, percebeu-se que também o aspecto socioeconômico

se apresentava como um dado importante e de relevância para a pesquisa, já que interfere diretamente nos outros aspectos citados, além de agir como diferenciador das famílias.

Em duas das famílias participantes, os pais são funcionários públicos. Na Família 2, Ana tem o terceiro grau completo, especialização e tem planos de fazer mestrado e na Família 3, tanto o pai como a mãe têm o terceiro grau completo.

Segundo relatos, essas duas famílias apresentam posses diferenciadas da maioria das famílias da aldeia e, quando comparadas com a Família 1, pode-se visualizar essas diferenças de forma mais significativa. Estas famílias possuem carro, aparelhos eletrônicos e casa na cidade.

A Família 1 tem como renda a lavoura da família, cultivada pelo pai, não possui carro ou casa na cidade, mas sim televisão e aparelho de som. A diferença fica mais evidente na fala de Ana (Família 2):

- É diferente quem é funcionário público, só os professores e o auxiliar de enfermagem têm carro.

Com esses dados, fica evidente que o Terena da aldeia Córrego do Meio apresenta diferenças específicas entre si, ao mesmo tempo em que permanece com suas peculiaridades. Oliveira (1960) argumenta que os Terena, por sua trajetória histórica e cultural, buscam a adaptação a outras culturas quando necessário, mas mantendo alguns traços culturais que lhes possibilitam uma identidade social.

Também percebeu-se que o intercâmbio com a sociedade nacional envolvente favorece, de várias formas, a vida na aldeia, ao mesmo tempo em que favorece o desaparecimento de alguns aspectos de sua cultura. Discutindo esse assunto, Fernandes Júnior (1997) explica que o intercâmbio vivenciado pelos Terena faz com que, aos poucos, eles absorvam a cultura à qual foram submetidos e, naturalmente, vão substituindo alguns de seus valores em consequência da aquisição de novos, pertencentes à outra cultura.

4.3.2 Contato com a sociedade nacional envolvente

O contato mantido entre os indígenas e as outras culturas não é um fato recente na história brasileira. Desde a ocupação dos portugueses no Brasil, é notório o estabelecimento

desse intercâmbio cultural. Os Terena da aldeia Córrego do Meio, assim como outros grupos indígenas, convivem com esse intercâmbio diariamente, por meio dos meios de comunicação (televisão e rádio) ou das visitas à cidade para compras.

A televisão nas residências foi uma realidade observada na grande maioria das casas da aldeia, nas famílias selecionadas todas tinham a televisão, assim como o rádio. Já o DVD e o videogame são aparelhos que poucos possuem. De acordo com informações colhidas, apenas o filho da família três tem videogame na aldeia.

Embora a aquisição e o uso desses aparelhos eletrônicos sejam uma realidade, não se encontrou bibliografia que citasse algo a respeito. Conseguiu-se apenas uma fala de João (pai da Família 3), que aponta uma diferença entre sua infância e a de seu filho, dizendo que:

- *[...] as crianças têm mais acesso à televisão, em meu tempo havia apenas uma e o povo todo se reunia para assistir os programas.*

As formas de contato mantidas pelos Terena com a sociedade nacional envolvente são através de idas à cidade para compra dos alimentos, para trabalho, visitas a parentes e para completar os estudos. Embora nenhuma das famílias participantes tenha que trabalhar na cidade, houve o relato de Ana, mãe da Família 2, que citou alugar uma de suas casas da cidade para um grupo de Terena que foi trabalhar na cidade, o que, segundo ela, é um fato comum.

- *Agora mesmo, dez mulheres foram trabalhar em uma fábrica em Sidrolândia, elas trabalham e moram na cidade e voltam uma vez por semana quando têm folga. [...] Elas vão primeiro e quando tiver vaga para os maridos eles se mudam para a cidade [...] se não avisar o Cacique que vai manter a casa aqui, eles perdem a casa, logo outro ocupa. (Ana, Família 2)*

Essa informação deixa evidente a necessidade vivenciada pela população aldeada em buscar um meio de sustentação fora da reserva, em concordância com Darrault-Harris e Grubits (2000) que citam que, a partir do momento em que a economia nas reservas deixou de ser auto-suficiente, o índio viu-se obrigado a sair e trabalhar fora de seus domínios.

4.3.3 Língua Terena: Continuidade Ameaçada

Ficou evidente uma dificuldade que os Terena têm passado em relação à transmissão da língua materna. João (Pai Família 3), por trabalhar na escola, relata que percebe um desinteresse das crianças quanto à aprendizagem do idioma e, por parte dos pais, sente que esses deixam a cargo da escola e dos professores a função de ensinar o idioma e outros aspectos da cultura.

Mas Mangolim (1999), em seus trabalhos com Terena, apresenta que na família as crianças aprendem os antigos costumes e o uso da língua materna, o que contraria as vivências dos moradores de Córrego do Meio, apresentadas acima.

Também pôde-se observar que os pais das crianças participantes não falam Terena, apenas entendem um pouco do idioma, não havendo assim o uso do idioma nem mesmo dentro de casa, fato esse que se estende à grande maioria das famílias residentes na aldeia, exceto aos mais idosos, que sabem falar e entender o Terena.

Observando a literatura, encontra-se o estudo de Pereira e Grubits (2003) com crianças Terena residentes em uma aldeia urbana, as quais confirmam o fato apresentado, já que essas autoras verificaram que as crianças que têm contato com a língua materna dentro da própria família são as que demonstraram maior interesse na aprendizagem da língua, sendo os familiares um modelo para sobrevivência dos traços culturais de uma cultura.

Uma situação inversa à encontrada na aldeia Córrego do Meio é apresentada por Lino (2006) em uma pesquisa realizada com crianças Kaiowá, trabalho em que a autora cita que os indígenas resistem em aceitar o ensino da língua materna na escola e justificam que não será necessário para as crianças sua língua no decorrer da vida acadêmica. Porém, todas as crianças aprendem o Guarani-Kaiowá em casa, com os pais, e conversam entre si na língua materna.

Uma outra realidade escolar é vivenciada pelos Kadiwéu, cujas crianças, em sua maioria, chega à escola falando apenas o idioma materno já que esta é a língua mais comumente falada, tanto por crianças, como por adultos. (SILVA, 2004).

Silva (2004) ainda complementa explicando que perder a própria língua e ter que se submeter a uma outra linguagem é, certamente, um aspecto de grande influência na perda da

própria história e identidade cultural.

Analisando essas três diferentes situações relatadas pelos autores acima, percebe-se que os Terena da aldeia Córrego do Meio estão vivenciando uma situação de risco quanto à preservação da língua, o que deve ser considerado e avaliado de forma que possam ser tomadas medidas de conscientização e intervenção junto das famílias. Mesmo com as medidas quanto à aprendizagem da língua materna na escola, pode-se notar que algo não está dando certo e isso leva a refletir sobre propostas que sejam adaptadas às especificidades dessa aldeia.

4.3.4 Brincar: Duas Faces da Mesma História

Em relação ao brincar, dois aspectos ficaram mais evidentes e serão discutidos a seguir. São eles: (a) As diferenças e semelhanças no brincar das crianças e de seus pais, (b) O brincar como trabalho infantil. Embora sejam aspectos momentaneamente separados, fica aparente, no decorrer da apresentação dos dados, a ligação entre eles.

A seguir, trechos das falas dos pais que sinalizam algumas diferenças entre o brincar das duas gerações:

- *Eu brincava com bonecas de pano que minha mãe fazia [...] ela brinca com boneca de plástico, mas prefere mesmo é ficar correndo e subindo em árvores junto de outras crianças.* (Márcia - Família 1)

- *No meu tempo jogar bola era coisa de menino, [...] mas a maioria das meninas hoje gostam de jogar. No meu tempo de menina a gente fazia boneca de sabugo de milho ou de pano. A gente também fazia cama e lençol para as bonecas com as folhas secas de mamona [...] dependendo da época das frutas a gente brincava de coisas diferentes, quando dava manga a gente fazia vaquinhas colocando pedacinhos de pau para formar as patas e também com os gravetos a gente fazia as cercas. Quando era época de milho a gente fazia as bonecas de milho que falei, usando os sabugos verdes [...] na época de coquinho era feita a brincadeira das cinco marias, também chamam de turito [...]. Ela [sua filha Daniela] gosta de brincar de boneca e pular corda.* (Ana - Família 2)

- *Eu costuma brincar com o que o meio oferecia, principalmente no rio, onde pescava, nadava e brincava. Também jogava bolita, futebol e cinco marias [...] hoje as crianças têm mais acesso à televisão[...].* (João – Família 3)

Embora haja essas diferenças, ainda assim, encontram-se algumas semelhanças entre as brincadeiras das crianças e as brincadeiras dos pais, como mostram as falas a seguir:

- *Gosto de jogar futebol com as meninas [...] brincar de boneca, turito, esconde-esconde, amarelinha, desenhar, pintar.* (Luciana - Família 1)
- *Eu subo na árvore, pego as frutas [...] brinco de pega-pega.* (Daniela - Família 2)
- *Jogar bola, brincar de carrinho, subir nas árvores com meus amigos, catar manga [...] jogar vídeo-game, fliperama.* (Pedro - Família 3)

Huizinga (1938, apud GUEDES, 2002) explica que o patrimônio lúdico de um grupo é parte importante de seu capital cultural e que este se enriquece com as gerações vindouras.

Porém, ao refletir sobre a afirmação do autor, o que se percebe é que, com o intercâmbio cultural e o encantamento dos brinquedos industrializados, o patrimônio lúdico como capital cultural desta comunidade vem se perdendo ao invés de se enriquecer com as gerações.

E corroborando essa reflexão, Papalia e Olds (2000) ressaltam que cada cultura tem seu modo específico de brincar e que estas especificidades se diferem de cultura para cultura e podem ser influenciadas pelos ambientes proporcionados pelos adultos, já que refletem seus valores culturais.

Em outros momentos das entrevistas, encontram-se falas que citam os afazeres domésticos como forma de lazer que se misturam ao trabalho infantil.

- *Beatriz desde novinha já fazia almoço e cuidava da casa, devia ter oito ou nove anos, [...] eu preparei um banquinho pra ela subir e alcançar as panelas. Ela ficava sozinha, a gente morava na fazenda, eu dava aulas por lá. [...] Eu tinha obrigação de ajudar em casa, meus irmãos eram mais velhos e saiam para trabalhar.* (Ana - Família 2).

- *Eu ajudava minha mãe em casa [...] Luciana também ajuda cuidando do irmão e me ajudando em casa, [...] vai aprendendo com o que eu faço, do mesmo jeito que eu aprendi com minha mãe .* (Márcia - Família 1).

- *Eu queria cozinhar, mas minha mãe acha que ainda não posso [...] lavo as vasilhas, varro, cuido do meu irmão [...] dou banho nele, troco, dou comida e fico brincando com ele.* (Luciana - Família 1).

- *Marcelo gosta de ir pra roça com o pai, mas é novo ainda e ajuda pouco [...], mas já trabalha com a enxada.* (Márcia - Família 1).

- *Ele [Pedro] pega a enxada e carpe umas partes do quintal, ele não é obrigado, ele gosta de imitar o primo mais velho que carpe o quintal. [...]. Com nove anos eu já ajudava minha mãe em casa [...] não tinha água encanada aí eu ia junto com ela até o córrego e eu lavava as peças pequenas enquanto ela lavava as mais pesadas e maiores, a gente aproveitava e brincava no córrego, misturava a brincadeira com as tarefas, mas às vezes ela chamava para voltar a lavar a roupa.* (Maria - Família 3)

De acordo com a literatura encontrada, os afazeres domésticos acabam por se confundir com o brincar da criança indígena (KISHIMOTO, 1993; VELASCO, 1996).

Silva et al. (2002) descrevem que, para a criança Guarani-Kaiowá, o dia-a-dia na aldeia se alterna entre tarefas domésticas que apenas observam e outras que realizam, sozinhos ou com auxílio de um adulto e que, apesar de serem realizadas de verdade, isso não impede a presença do componente lúdico, mesmo dissimulada pelas responsabilidades assumidas.

Observando as informações apresentadas sobre o brincar das gerações, pode-se perceber que todas essas transformações são impulsionadas, principalmente, pelo intercâmbio cultural vivenciado por essa comunidade. Dessa forma, tem-se que a maioria dos brinquedos, antes fabricados com material disponível no meio, é agora de plástico e comprado na cidade. Também o acesso facilitado à televisão e a outros eletrônicos alterou a rotina de crianças e adultos dessa população pesquisada.

4.3.5 Educação

Em relação à educação das crianças, as famílias foram unânimes em dizer que as crianças costumam ser obedientes e, quando há necessidade de punição, a criança recebe “varinhadas”.

- *Eles não desobedecem [...] sempre estão perto dos pais, só não ficam mais perto quando crescem, ficam adolescentes [...] aí não obedecem mais". "Eles obedecem mais eu do que o pai, porque eles ficam mais comigo [...] quando não quer obedecer eu falo mais uma vez que não pode e se mais uma vez ela desobedecer eu dou umas palmadas ou umas varinhas. (Márcia - Família 1)*

- *Eles não costumam desobedecer [...] eu costumo conversar, explico o que é errado, arrumo uma varinha verde e falo que se fizer de novo você vai apanhar. Depois se ela for além eu dou umas três varinhas nela, quando ela acalma eu dou banho nela pra ela acalmar e pergunto para ela se ela sabe porque ta apanhando. Não sei se é errado! [...] Aqui é a mãe que cuida dos filhos, o pai trabalha na roça [...] eles têm mais respeito com o pai. (Ana - Família 2)*

- *Ele fica brincando com os primos enquanto estamos na escola [...] ele é obediente, sempre que quer ir no rio sabe que tem que pedir permissão e só pode ir se a tia levar". (Maria - Família 3)*

Não houve aqui concordância total com as conclusões de Lino (2006) ao apontar que, na educação dos Guarani-Kaiowá, a mãe não impede que o filho explore seu ambiente. Elas também não punem, castigam ou restringem a presença física da criança. A educação é realizada através do diálogo e também o homem tem papel ativo na educação dos filhos.

Corroborando com essa idéia, Cardim (1939 apud Massimi, 1990) descreve que na relação entre pais e filhos indígenas no período colonial, os pais não aplicavam nenhum tipo de castigo nos filhos. E argumenta ainda que o segredo da pedagogia indígena está na relação estabelecida e cultivada na convivência estreita e contínua mantida entre adultos e crianças, não havendo imposições ou ameaças.

A partir das diferenças encontradas, mesmo que de etnias diferentes, pode-se considerar que a prática da “varinhada”, ou seja, da punição das crianças Terena, é uma prática de educação adaptada por essa comunidade pesquisada. E esta adaptação já é uma sinalização de que traços culturais têm se modificado e, por mais simples e imperceptíveis que sejam, tais modificações podem ocasionar (ou vêm ocasionando) transformações culturais bem mais profundas.

5 CONCLUSÃO

O conhecimento transmitido sobre os índios sempre foi muito generalizado e superficial, sem que se estabeleçam diferenciações a respeito das culturas índias e não-índias e, menos ainda, das diversificadas etnias. Ainda hoje, há pessoas que têm a imagem do índio como um indivíduo seminu, com o arco e a flecha em mãos, cocar na cabeça e o corpo pintado.

Porém o "ser" índio vai além dessas simples características; ser índio é ter uma cultura, uma identidade. Identidade esta que, para muitas etnias indígenas, têm se perdido de forma direta ou indireta, desde o momento em que o não índio impôs sua cultura, religião e tecnologias pela primeira vez, gerando assim novos valores e crenças diferenciadas.

Mas, pode-se notar que a temática indígena vem ocupando mais espaço no ambiente político e social, com a preocupação tanto de índios como de não índios na tentativa de manterem vivas a cultura e as tradições de cada povo.

Os resultados desse trabalho apontam justamente para a constatação de uma realidade na qual a cultura e as tradições vêm se perdendo em um processo lento e silencioso. Não é apenas a facilidade de contato com a sociedade nacional envolvente que promove uma gradual descaracterização cultural dos Terena de Córrego do Meio, mas também uma provável dificuldade das famílias em assumirem o papel de transmissores da cultura e identidade de seu povo. Porém essa reação familiar não aparenta ser uma atitude planejada pelo grupo, mas talvez uma forma de resistência à própria situação de adaptação ao intercâmbio cultural vivenciado.

Embora haja uma tentativa de resgate cultural através do ensino da língua Terena na escola da aldeia, assim como ocorre com o ensino bilíngüe em outras comunidades de algumas aldeias do país, esse resgate não se torna eficaz na medida em que seu foco se restringe às crianças e adolescentes que cursam a escola da aldeia. E, sobre esse aspecto, passa-se a algumas observações decorrentes deste trabalho.

Primeiramente, é importante verificar que, a partir do momento em que se propõe uma aprendizagem, é necessário que também o aprendiz possa vivenciar a prática e não somente a teoria, prática essa que deveria ocorrer principalmente dentro de casa. Questiona-se, pois: o que fazer se diariamente o idioma não é usado nos diálogos dentro da própria família? Qual a motivação em se aprender a falar uma língua que não se utiliza?

Percebeu-se também, com este trabalho, que a escola tem assumido o papel de socializador e transmissor cultural que a família deveria desempenhar, mas que se perdeu de forma mais evidente na transição da geração dos atuais avós para a geração dos atuais pais. O fruto dessas gerações, as crianças de hoje, pouco conhecem de sua cultura, sobretudo porque a transmissão cultural tradicional do índio é realizada oralmente, por pais e avós. Isso faz pensar na necessidade de um resgate cultural coletivo para que, entre as futuras gerações dessa comunidade, certos hábitos e costumes Terena sejam preservados como corriqueiros

Observando a trajetória Terena ao longo da história, pode-se supor que a facilidade na sua adaptação seja uma das explicações para o que ocorre atualmente com essa comunidade, já que o Terena, como meio de sobrevivência, procurou sempre se adaptar à cultura dominante. Mas, para que esta adaptação não coloque cada vez mais em risco a própria identidade e cultura desse povo, é preciso que o resgate da cultura se processe não só entre as crianças, mas também entre os adultos de uma forma geral.

Tornam-se necessárias estratégias para que esses jovens que vão aperfeiçoar seus estudos nas cidades queiram estudar não apenas para terem um trabalho menos pesado ou uma vida mais fácil, mas para que desejem voltar à Reserva e ajudar a melhorar e desenvolver o seu próprio povo.

Ficam evidentes, nos resultados do trabalho, as alterações culturais devidas ao intercâmbio social. E essas alterações estão presentes nos mais variados aspectos do cotidiano do Terena da aldeia Córrego do Meio – o brincar da criança, a educação transmitida pelos pais, a falta de interesse e uso da língua materna e diferenças no aspecto socioeconômico.

Como a intenção que se teve foi a de realizar uma pesquisa exploratória, pouco se aprofundou nesses temas destacados. Importante, pois, destacar que esses são temas de muita riqueza e que servem de referência a futuras pesquisas.

Salienta-se que as pesquisas, bibliográfica e de campo, permitiram entender que o intercâmbio vivenciado pelos Terena não é o grande vilão das transformações culturais, mas, sim, um mal necessário, já que os próprios Terena lutam para serem integrados na sociedade brasileira como cidadãos capacitados, que têm seus direitos e deveres. Assim, são duas as dúvidas que ficam ao final deste trabalho: Por que os Terena da aldeia Córrego do Meio têm

deixado tantos traços culturais se perderem? Será que apenas nesta aldeia Terena é que têm ocorrido perdas na cultura dessa etnia?

Essas perguntas evidenciam que há necessidade da continuidade deste trabalho e que as pesquisas são muitas e podem ser desmembradas em várias perspectivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ASSMAR, Eveline Maria L.; FERREIRA, Maria Cristina; NOVAES, Heliane (et al.) *Premissas histórico-socioculturais sobre a família brasileira em função do sexo e da idade*. Psicologia Reflexão e Crítica, v. 13, n. 1, p.89-96, 2000. ISSN 0102-7972.

BASTOS, Ana Cecília de Sousa; ALCÂNTARA, Miriã Alves Ramos; FERREIRA-SANTOS, José Eduardo. Novas famílias urbanas. In: LORDELO, Eulina da Rocha; CARVALHO, Ana Maria Almeida; KOLLER, Sílvia Helena (Orgs.). *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo: Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, v. 17, 1984.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BICHARA, Ilka Dias. Crescer como índio às margens do velho Chico: um desafio para crianças Xocó. In: In: LORDELO, Eulina da Rocha; CARVALHO, Ana Maria Almeida; KOLLER, Sílvia Helena (Orgs.). *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo; Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2002.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. *Psicologias*. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRANDÃO, Carlos R. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 2000.

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. 2 ed. São Paulo: Ed. Cortez, 1997.

CARVALHO, Ana M. A.; MAGALHÃES, Celina M. C.; PONTES, Fernando A. R.; BICHARA, Ilka D. (org.). *Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca – O Brasil que brinca*. São Paulo: Casa do Psicólogo, v. 1, 2003.

_____. _____. São Paulo: Casa do Psicólogo, v. 2, 2003.

CARVALHO, Ieda M. *Professor indígena: um educador do índio ou um índio educador*. Campo Grande: UCDB, 1998.

CARVALHO, Inaiá Maria Moreira; ALMEIDA, Paulo Henrique. Família e proteção social. *Perspectiva*. São Paulo, v. 17, n. 2, p.109-122, abr/jun, 2003.

CONVENÇÃO sobre os direitos da criança. Disponível em: <http://www.onu-brasil.org.br/doc_crianca.php> Acesso em 11 de julho de 2005, 16:45h.

COSTA, Jurandir F. *Ordem médica e norma familiar*. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

COSTA, Vera L. M. O jogo e o imaginário social. In: GUEDES, G.; VARGAS, A.; BARROS, J.; ARAGÃO, S. *Desenvolvimento infantil*. Sociedade Internacional para Estudos da Criança: Lisboa, 2002, p. 105-114 – Anual.

DARRAUT-HARRIS, Ivan; GRUBITS, Sonia. *Psicossemiótica na construção da identidade infantil*: um estudo da produção artística de crianças Guarani/Kaiowá. São Paulo: Casa do Psicólogo; Campo Grande: Universidade Católica dom Bosco, 2001.

DIAS, Cláudia. *Estudo de caso*: idéias importantes e referências [on line]. Maio, 2000. Disponível em: <<http://www.geocities.com/claudiaad/qualitativa.html>> Acesso em 11 de julho de 2005, 17:115h.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade e do estado*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

FERNANDES JÚNIOR, José R. *Da aldeia do campo para a aldeia da cidade*: Implicações sócio-econômicas no êxodo dos índios terena para o perímetro urbano de Campo Grande. Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 1997.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Caderno de Pesquisa*. São Paulo, n. 116, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742002000200002&Ing_=pt&nrm=iso> Acesso em: 08 de março de 2006, 18:17h.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*: introdução a história da sociedade patriarcal no Brasil. 43 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FUNDAÇÃO Educacional Comunitária Formiguense. Estrutura para projetos de pesquisa. Centro Universitário de Formiga, 2004. Disponível em http://www.uniformg.edu.br/imagens/depcom/outrou/Estrutura_Projeto_Pesquisa_uniformg.pdf Acesso em 10 de novembro de 2006, 19:12h.

FUNDAÇÃO Nacional do Índio. Índios Isolados. Disponível em <<http://www.funai.gov.br/>> Acesso em 10 de março de 2005, 20:35h.

GUEDES, Maria G. S. O jogo e a criança. In: GUEDES, G.; VARGAS, A.; BARROS, J.; ARAGÃO, S. *Desenvolvimento infantil*. Sociedade Internacional para Estudos da Criança: Lisboa, 2002, p. 37–65 – Anual.

GRUBITS, Sonia. *A construção da identidade infantil*: a sociopsicomotricidade Ramain-Thiers e a ampliação do espaço terapêutico. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

GRUBITS, Sonia; DARRAUT-HARRIS, Ivan. Método qualitativo: um importante caminho no aprofundamento das investigações. In: GRUBITS, Sonia; NORIEGA, José Angel Vera (org). *Método Qualitativo*: epistemologia, complementariedades e campo de aplicação. São Paulo: Vetor, 2004, p. 105-132.

HEIMBACH, Milva. *Cultura indígena: brinquedos e brincadeiras das crianças Terena*. Monografia. UFMS, 2005.

HUZINGA, Johan. *Homo ludens*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

HANZE, Amélia. Socialização primária. Disponível em: <<http://www.brasilescola.com/pedagogia/socializacao-primaria.htm>> Acesso em: 11 de março de 2006, 16:10h.

KISHIMOTO, Tizuko Mochida. *Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

KISHIMOTO, Tizuko Mochida (org.). *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira, 1998.

LEBOVICI & DIATKINE. Significado e função do brinquedo na criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

LEVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1982. (Coleção Saber)

_____. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

LINO, Adriana Rita Sordi. *A influência das relações familiares no ajustamento escolar da criança Kaiowá*. Dissertação de mestrado. Universidade Católica Dom Bosco, 2006.

LÓPEZ, Félix. Desenvolvimento social e da personalidade. In: COLL, César; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Álvaro (org.). *Desenvolvimento Psicológico e Educação*. Psicologia Evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas, v. 1, 1995.

MANGOLIM, Olívio. *Da escola que o branco faz à escola que o índio necessita e quer: uma educação indígena de qualidade*. Dissertação de mestrado. Universidade Católica Dom Bosco, 1999.

MARTINEZ, Angela Benitez. *Mitos e ritos do povo Terena: uma analogia com a mitologia grega*. Campo Grande: UCDB, 2003.

MASSIMI, Marina. *História da psicologia brasileira: da época colonial até 1934*. São Paulo: EPU, 1990.

MONTAGNANA, José. *O caminho da maturidade*. Disponível em: <<http://www.ciranda.org.br/2004/artigos.php>>. Acesso em: 01 de agosto de 2005, 14:43h.

MULHER indígena: fruto da terra, semente de um povo. 2005. Disponível em : <<http://www.escolagov.ms.gov.br/admin/templates/artigos/arquivo.php?id=87>> Acesso em 08 de setembro de 2006, 17:25h.

NASCIMENTO, Adir Casaro. *Escola indígena: palco das diferenças*. Campo Grande: UCDB, v. 2, 2004. Coleção teses e dissertações em educação.

NETO, Carlos Alberto F. *Motricidade e jogo na infância*. 2 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

NEWCOMBE, Nora. *Desenvolvimento infantil: Abordagem de Mussen*. 8 ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

NOGUEIRA, Maria Alice. *Educação, saber, produção em Marx e Engels*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *O Processo de assimilação dos Terena*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1960.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *Urbanização e Tribalismo. A integração dos índios Terena numa sociedade de classes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

OLIVEIRA, Vera Barros. O brincar e o ingresso no tempo histórico e cultural. In: OLIVEIRA, Vera Barros (org.). *O brincar e a criança do nascimento aos seis anos*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 95 - 126.

OSORIO, Luiz C. Novos rumos da família no limiar do século XXI. In: OSORIO, Luiz C.; VALLE Maria Elizabeth. *Terapia de famílias: novas tendências*. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 17-23.

PALACIOS, Jesús. Introdução à Psicologia Evolutiva: história, conceitos básicos e metodologia. In: COLL, César; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Álvaro (org.). *Desenvolvimento Psicológico e Educação. Psicologia Evolutiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, v. 1, 1995.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally W. *Desenvolvimento humano*. 7 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PEREIRA, Denise Silva; GRUBITS, Sonia. O brincar: a criança Terena e sua identidade. In: *Caderno de resumos da VII Jornada de Científica das Universidades Católicas do Centro-Oeste*. Campo Grande: UCDB, 2003, p. 415-416.

PERES, Vannúzia Leal Andrade; SOUSA, Sônia Margarida Gomes. Famílias de camadas populares: um lugar legítimo para a educação/formação dos filhos. In: *O social em questão*. Rio de Janeiro: PUC, Departamento Serviço Social, v. 7, n. 7, 2002.

RAMOS, Juliana. Índios Terena vivem em condições precárias na Capital. *Folha Guaicuru – Jornal Laboratório* do curso de Jornalismo da Faculdade Estácio de Sá. Campo Grande: Faculdade Estácio de Sá, n. 1, mar. 2003 (Home Page Faculdade Estácio de Sá).

RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

RIBEIRO, M. A. *A perspectiva Dialógica na compreensão de problemas sociais: o caso da pesca de curral em Ipioca – Maceió/AL*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica, 2003.

RODRIGUES, J. Barbosa. *História de Mato Grosso do Sul*. São Paulo: Editora do Escritor, 1985.

SAMARA, Eni de Mesquita. *O que mudou na família brasileira?*: da colônia à atualidade. *Psicologia*. USP, vol. 13, n. 2, p. 27-48, 2002, ISSN 0103-6564.

SANTANA, Graziella Reis. Uma análise do processo migratório dos índios Terena para o perímetro urbano da cidade. *Revista de iniciação científica da FFC*, v. 4, n. 1, 2004.

SANTOS, Marli Pires. Espaços lúdicos: brinquedoteca. In: SANTOS, Santa Marli Pires (org.). *Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 57-61.

SHADEN, E. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: EPU, Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

SÉGUIN, Elida. Abuso Sexual Infantil. In: GUEDES, G.; VARGAS, A.; BARROS, J.; ARAGÃO, S. *Desenvolvimento infantil*. Sociedade Internacional para Estudos da Criança: Lisboa, 2002, p. 121-131 – Anual.

SILVA, Aracy Lopes; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva; NUNES, Ângela (org.). *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo: Global, 2002.

SILVA, Maíra Pedroso Corrêa. *Linguagem das emoções*: as relações de afetividade nos índios Kadiwéu. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

SOCIALIZAÇÃO das crianças. Disponível em: <<http://www.museudoindio.org.br/cri/frcri.htm>>. Acesso em 14 de outubro 2005, 16:32h.

SOUZA, Laura de Melo. *História da vida privada no Brasil*: cotidiano e vida na américa portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

TERENA. Disponível em: <http://www.trabalhoindigenista.org.br/povos_indigenas_terena.asp>. Acesso em 25 de março de 2005, 17:07h.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TURATO, Egerto Ribeiro. *Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*: construção teórica-epistemológica, discussão comparada e aplicações nas áreas da saúde e humanas. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

TURATO, Egerto Ribeiro. A questão da complementaridade das diferenças entre métodos quantitativos e qualitativos de pesquisa: uma discussão epistemológica necessária. In: GRUBITS, Sonia; NORIEGA, José Angel Vera (org.). *Método Qualitativo*: epistemologia, complementariedades e campo de aplicação. São Paulo: Vetor, 2004, p. 17-51.

VARGAS, Ângelo L. S. Corpo e marginalidade: estudos de um contexto de desenvolvimento de meninos de rua na cidade do Rio de Janeiro. In: GUEDES, G.; VARGAS, A.; BARROS, J.; ARAGÃO, S. *Desenvolvimento infantil*. Sociedade Internacional para Estudos da Criança: Lisboa, 2002, p. 13-22 – Anual.

VELASCO, Cacilda Gonçalves. *Brincar o despertar psicomotor*. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

VYGOTSKI, L.S. *A Formação Social da Mente*. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A.R. *Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

WINNICOTT, D. W. *A Família e o desenvolvimento individual*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e metodologia*. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 4 ed. São Paulo: Global, 1985.

APÊNDICE

Apêndice 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Gostaríamos de contar com a sua colaboração para a realização de uma pesquisa denominada **O BRINCAR, A CULTURA TERENA E SUA IDENTIDADE**. Pretendemos realizar entrevistas e observações com duas crianças e suas respectivas famílias com _____ . Nosso objetivo é analisar a significação do brincar e sua relevância na construção da identidade das crianças Terena de um modo geral, através de suas brincadeiras, desenhos, pinturas, trabalhos com argila, massa de modelar e outros materiais, além de visitas e conversas com os professores e familiares das crianças, de forma a não provocar quaisquer tipos de danos ou riscos aos participantes, sendo estes livres para se recusarem a participar ou até mesmo de se retirarem em qualquer fase da pesquisa, isentas de penalidades ou prejuízos. Esperamos que nosso trabalho possa contribuir para maior esclarecimento dos indivíduos Terena e não-Terena em relação às diferenças e particularidades de cada cultura, além das semelhanças geradas a partir do intercâmbio cultural. Além disso, pretendemos trabalhar com os professores, agentes de saúde, favorecendo o entendimento da cultura, dos hábitos, da maneira de ser Terena e da sociedade nacional envolvente que aparecem nesse contexto. Pretendemos também fazer publicações de artigos e/ou livros e trabalhos para congressos, respeitando as características da nação Terena, e garantindo sigilo à cerca da privacidade quanto a dados confidenciais dos participantes envolvidos na pesquisa.

Abaixo coloco meu nome e endereço para que, havendo alguma que stão, sinta-se à vontade para me procurar e/ou o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UCDB.

Profª Sonia Grubits, Mestrado em Psicologia - Universidade Católica Dom Bosco (Avenida Tamandaré, ____) - telefone 312-3586.

Denise Silva Pereira, 382-3631.

Agradeço a sua colaboração.

Sonia Grubits e Denise Silva Pereira

Eu li as afirmações acima e concordo em participar da pesquisa

Data: _____

Nome:

Assinatura:

Apêndice 2

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que tenho conhecimento da resolução número 196, de 10 de outubro de 1996, do Comitê Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), que visa assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado, assim como da resolução número 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), que normatiza a pesquisa com seres humanos na área de psicologia.

Campo Grande, 26 de outubro de 2005.

Denise Silva Pereira Cabrera

CPF: 719.040.001-00

Apêndice 3

Relatos das visitas

RELATOS DA PRIMEIRA VISITA - 04/08/05

Chegando à reserva, a professora Sonia Grubits e eu seguimos diretamente para escola, onde visitamos a sala de aula da primeira série onde foi feita a aplicação de uma prova psicológica (HTP – House, Tree and Person)¹⁴, para um primeiro contato com todas as crianças da faixa etária escolhida para este trabalho.

Com a indicação do diretor da escola, visitamos a casa de uma família que apresentava os requisitos escolhidos para a pesquisa – moradores da aldeia e crianças com idade na faixa etária de 07 a 12 anos. Fomos recebidas pela dona da casa, Márcia que, embora pouco expansiva, nos atendeu gentilmente. Após as explicações sobre a pesquisa, ela concordou com nossa solicitação e respondeu às nossas perguntas.

Estavam, na casa, a mãe de Márcia, os filhos e um sobrinho. A conversa se deu em uma área externa coberta de palha. Inicialmente ela ficou com seu filho mais novo no colo, mas ela logo passou a criança aos cuidados de sua filha mais velha, de 8 anos de idade, que, segurando a criança, procurava entretê-la ao mesmo tempo em que prestava atenção à conversa.

Mãe de três filhos (Luciana - 08 anos; Marcelo - 6 anos; e Cláudio - 08 meses), católica, Márcia mora na aldeia desde seu nascimento. O marido sustenta a família plantando arroz e feijão, ela cuida da casa, onde reside com o esposo e filhos.

Já respondendo às perguntas, ela contou que há bailes na aldeia, onde costumam ir com toda a família para se divertirem. Além dos bailes, disse também que há partidas de futebol, existindo inclusive um time de futebol feminino do qual faz parte.

Sobre as brincadeiras de sua infância, disse que brincava com bonecas de pano que sua mãe fazia, além de ajudar sua mãe nos afazeres domésticos. Falou também que sua filha brinca de boneca, mas não muito, preferindo ficar correndo e subindo em árvores junto com

¹⁴ Em português, casa, árvore e pessoa.

outras crianças, e que também ela ajuda nos cuidados do irmão mais novo, dizendo ainda que a filha vai aprendendo com o que ela faz, da mesma forma com o que ela aprendeu com sua mãe.

Explicou que o filho (Marcelo) vai para a roça ajudar o pai no plantio e cultivo da terra, trabalhando inclusive com enxada e que ele gosta de brincar com carrinho de plástico e jogar bola com os amigos, além de brincar no rio. Disse ainda que o marido, quando criança, brincava com os carrinhos que os pais faziam, mas não soube dar maiores detalhes sobre sua fabricação.

Márcia disse que não sabe falar Terena, apenas entende algumas palavras, mas sua filha fala algumas palavras do idioma, tendo aprendido com o seu avô, já falecido. Já sua mãe também fala o idioma e atualmente está reaprendendo a fabricar cerâmica junto com outras mulheres da aldeia.

Chegando a hora de irmos embora, despedimo-nos da família, e Márcia nos deixou à vontade para voltarmos, caso quiséssemos fazer novas visitas.

RELATOS DA SEGUNDA VISITA - 03/11/05

Nesta segunda visita, novamente, a professora Sonia Grubits e eu nos encaminhamos diretamente à escola, onde nos encontramos com o diretor. Sentados no pátio da escola, tive a oportunidade de obter seu relato. Segundo João, a escola da aldeia está em funcionamento há nove anos e conta com quadro de funcionários indígenas, sendo dois professores efetivados e os demais contratados.

Contando um pouco de sua trajetória pessoal, explicou ser professor há nove anos, mas há um ano ocupa o cargo de diretor da Escola Municipal Indígena Cacique Armando Gabriel. Hoje com 34 anos, é formado em Letras pela Universidade Católica Dom Bosco. Quanto à sua formação, revelou que teve total apoio de sua família para completar os estudos na capital do Estado e que sempre teve a convicção de auxiliar sua comunidade através de sua formação. Com um sorriso um pouco envergonhado, João comentou que não sabe falar o idioma e comentou que muitos adultos também não sabem falar, sendo o idioma geralmente falado pelos mais velhos.

Colocou seu ponto de vista sobre as comunidades indígenas na atualidade, dizendo que os índios já conhecem as tecnologias e modernidades da sociedade nacional envolvente e que muitas destas coisas também se tornaram necessárias para os indígenas como meio de subsistência e competitividade na economia atual.

Esclareceu as dúvidas sobre a situação atual de certos aspectos tradicionais da cultura Terena na reserva Córrego do Meio. Contou que não mais se encontram as divisões étnicas ou sociais como no passado, com exceção dos anciões que ainda fazem referências aos *sukirikionó* (hostis) e aos *xumonó* (passivos) durante as rodas de chimarrão, sendo esta apenas uma classificação verbal. Também as festividades tribais se restringem atualmente às danças - *siputrena*¹⁵ e *bate-pau*¹⁶.

Explicou também que reside na reserva um número aproximado de 420 famílias, estando a aldeia na Reserva Buriti, com 2090 hectares e vinculada ao Posto Indígena de Dois Irmãos de Buriti. Disse que os primeiros Terena chegaram ao local em 1892, vindos de Aquidauana. Atualmente o cacique da aldeia é Guilhermino Gabriel.

Ao expor os objetivos da pesquisa, João falou da importância de pesquisas que pudessem auxiliar na manutenção de sua cultura e se dispôs a participar junto com sua família já que possui um filho com oito anos de idade. Aceitando sua proposta, iniciamos um diálogo a respeito de sua infância e suas brincadeiras.

João contou que, em sua infância, costumava brincar com o que o meio oferecia e principalmente no rio, onde pescava, nadava e brincava, além de jogar bolita, futebol e cinco marias¹⁷. Falou também que percebe algumas diferenças entre sua infância e a infância do filho, já que as crianças têm mais acesso à televisão.

Normalmente em nossas visitas ficamos em média três horas na aldeia, porém nesta visita em especial tivemos que ir embora mais cedo por causa da via de acesso. Para chegar à reserva é preciso passar por uma ponte na estrada de terra, que neste dia estava quebrada. Com a quebra da ponte, passamos por um atalho que corta um córrego, mas, como o tempo

¹⁵ Dança realizada somente pelas mulheres.

¹⁶ Dança realizada somente pelos homens.

¹⁷ Brincadeira realizada com cinco pedras pequenas, sementes ou coquinho. O jogo se inicia com o participante portando uma das pedras na mão, ele deve jogar esta pedra para o alto, pegar outra pedra no chão sem deixar cair no chão a pedra jogada ao alto. Segue desta forma pegando um número crescente de pedras sem deixar cair no chão a pedra jogada para alto.

estava nublado, fomos advertidos que não conseguiríamos atravessá-lo novamente, caso chovesse.

Este mesmo problema fez com que não conseguíssemos chegar à aldeia em outras visitas programadas, pois era período de chuvas constantes.

RELATOS DA TERCEIRA VISITA - 22/12/05

Nesta terceira visita, sem a companhia da professora Sonia, encontrei-me mais uma vez com o diretor da escola, João. Após uma conversa inicial nos arredores da escola, fomos ao encontro de seu filho que brincava com os colegas, próximo a uma das igrejas da aldeia.

Atendendo ao pedido do pai, Pedro aproximou-se de nós timidamente. Após minha apresentação, concordou em conversarmos um pouco João, discretamente, afastou-se de nós para que seu filho ficasse mais à vontade. Nossa conversa por algum tempo assemelhou-se a um interrogatório, já que Pedro respondia de forma direta a minhas perguntas, quebrando este ritmo somente quando propôs orgulhosamente recitar o verso que apresentaria na comemoração natalina da igreja.

Pedro tem oito anos de idade e passou para a terceira série do primeiro grau. Quando perguntado sobre de que gosta de brincar, rapidamente respondeu que de videogame e explicou-se dizendo que costuma jogá-lo em casa ou quando vai para cidade junto com os pais, nas máquinas de fliperama.

Disse também que gosta de jogar bola, brincar de carrinho com o irmão e subir nas árvores com os amigos para “catar” manga. Comentou que muitas vezes ajuda a mãe em casa, varrendo e carpindo o quintal (em conversa posterior, sua mãe, Maria, disse que o filho não costuma carpir o quintal, mas, às vezes, o faz na tentativa de imitar o primo mais velho que carpe o quintal da casa de sua família). Terminamos logo nosso diálogo, já que Pedro iria ensaiar na igreja a apresentação natalina.

Questionei então sobre a possibilidade de tirarmos uma fotografia; Pedro sorriu timidamente e abanou a cabeça que sim. Perguntei como gostaria de tirar e ele então falou,

sorrindo, que poderia ser na árvore. Como seus amigos estavam perto da árvore, convidei a todos para subirem na árvore com Pedro que já estava lá em cima.

Em seguida, João e eu retornamos à escola e, sentados próximos dali, continuamos nossa conversa. Explicou-me que a escola municipal da reserva se divide em três, uma escola pólo, situada na aldeia, e mais duas, uma a dois quilômetros da escola pólo, na aldeia Lagoinha, e a outra no perímetro urbano de Sidrolândia, atendendo à aldeia Tereré, num total de 285 alunos, dos quais 220 estudam na escola pólo. Há uma comemoração no mês de julho, chamada de “festa cultural Terena”, que ocorre durante três dias na escola, com as danças típicas “bate-pau” e “siputrena”.

João falou sobre a necessidade de implantação de um currículo escolar específico para as comunidades indígenas, já que, em períodos como os da colheita, as crianças e jovens auxiliam seus pais nos afazeres, havendo assim a necessidade de dispensa escolar para eles.

Explicou também que há um posto de saúde que atende à população, de segunda a sexta-feira, contando com uma equipe de médicos, dentistas e psicólogos. Há, ainda, um auxiliar de enfermagem indígena da comunidade que atende às emergências nos fins de semana. Falou um pouco da necessidade de mais jovens obterem uma formação profissional, para que auxiliem nos cuidados e desenvolvimento da comunidade.

Comentou sobre a disputa de terra que há com os fazendeiros da região, evidenciando a participação maciça da comunidade, inclusive com o fechamento da escola por alguns dias. Segundo o relato, são 17.200 hectares em disputa desde 1889. Atualmente já há uma perspectiva de retomada das terras, pois dois laudos já confirmaram a legitimidade das terras indígenas, porém aguardam o acordo entre proprietários e governo sobre o valor da indenização que será paga.

Sobre a economia da reserva, João contou que a principal fonte de renda para a maioria dos indígenas é a agricultura, sendo plantado principalmente feijão, milho, arroz, abacaxi, batata-doce e cana de açúcar, havendo ainda duas cooperativas agrícolas e uma pequena minoria que trabalha com a criação de gado.

Finalizando nossa conversa, João expôs sua intenção e pediu auxílio em um projeto que tem idealizado para as mulheres Terena. Seu plano inicial é de aproveitar o que a natureza lhes oferece para aumentar a renda das famílias. Desta forma, quer levar cursos que ensinem a

fabricação de doces para comercialização, já que as mulheres Terena não têm experiência nesta tarefa.

Fui então ao encontro de uma das professoras da escola que, em visita anterior, expôs à professora Sonia sua vontade em participar do trabalho, já que também possui uma filha de 8 anos. Previamente avisada de minha visita, Ana aguardava em sua casa.

Sempre sorridente, Ana me recebeu educadamente e convidou-me para sentarmos ali mesmo na varanda de sua casa. Começamos uma conversa informal, Ana chamou sua filha Beatriz que timidamente saiu de dentro de casa. De cabeça baixa e sem olhar para mim, Beatriz caminhou rápido até os braços de sua mãe. Após cumprimentá-la, a menina olhou para mim e sorriu. Sua mãe pediu que se lavasse para vir conversar comigo e rapidamente ela se encaminhou novamente para dentro da casa.

Enquanto sua filha tomava banho, Ana explicou-me que sua filha estava na segunda série, mas não terminou o ano escolar já que não estava acompanhando a turma e não gostava da professora. Sendo professora, preferiu tirar a filha da escola para que a menina fizesse novamente a segunda série, mas com ela como professora, já que assumirá no próximo ano essa turma, podendo assim dar mais atenção às dificuldades da menina.

Retornando à casa, Beatriz saiu de casa penteando os cabelos e se dirigiu diretamente à mãe. Esta pegou o pente de suas mãos e auxiliou-a no desembaraço dos fios, enquanto continuávamos nossa conversa. Muito tímida, Beatriz aos poucos foi perdendo a inibição e respondendo às perguntas.

Quando questionada sobre o que mais gosta de fazer para se divertir, respondeu que subir em árvores para colher futas ou apenas para ficar lá em cima dos galhos, além de brincar de pega-pega com os amigos. Sua mãe complementou a resposta dizendo que a menina gosta de jogar bola. Disse ainda que joga bola com os meninos porque não tem meninas perto de sua casa. Sua mãe interferiu novamente, dizendo que em seu tempo jogar bola era coisa de menino, mas que hoje a maioria das meninas gosta do jogo.

Seguiu comentando que em seu tempo as meninas faziam bonecas de milho ou de pano e brincavam próximo às casas, fazendo cama para as bonecas com as folhas secas e lençol, com as folhas secas de mamonas, e assim brincavam de casinha. Perguntei-lhe então com o que mais brincavam, e Ana respondeu-me que, dependendo da época das frutas,

brincavam de coisas diferentes. Quando dava manga, eles faziam vaquinhas, colocando pedaços pequenos de pau na manga para formar as patas e também com os gravetos faziam as cercas onde eram colocadas as vacas.

Já na época de laranja, disse que costumavam fazer no rio uma brincadeira que consistia em um participante jogar a laranja no rio e, como a laranja afunda e logo aparece de volta, todos os participantes deveriam pular no rio enquanto esta não aparecia, para tentar pagá-la assim que ela aparecesse. Para dificultar a brincadeira, todos deveriam ficar batendo as mãos na água. O ganhador era aquele que primeiro pegasse a laranja, e novamente se iniciava a brincadeira após cada ganhador jogar novamente a laranja no rio.

Quando era época de milho, costumavam fazer as bonecas de milho anteriormente mencionadas, usando os sabugos ainda verdes. Chegando a época de coquinho, era feita a brincadeira das cinco-marias, também conhecida por Turito. Enquanto Ana explicava o Turito, Beatriz interrompeu sua fala para dizer que também gostava desta brincadeira.

Estimulando sua fala espontânea, perguntei à Beatriz se ela havia se lembrado de mais algum brinquedo ou brincadeira, e ela prontamente respondeu que gosta de brincar de boneca e pular corda. Questionei sobre a televisão e sua mãe me disse que eles têm televisão, mas que sua filha não gosta de ficar assistindo, preferindo ficar junto dos adultos ouvindo as conversas. Inclusive citou que, em sua infância, as crianças não participavam das conversas dos adultos: eram as crianças para um lado e os adultos conversando para outro, “*a gente não entrava na conversa dos mais velhos*” (sic).

Como estava ficando tarde, preparei-me para ir embora, mas antes perguntei à Beatriz se gostaria de tirar uma fotografia. Empolgada com a proposta, logo passou a mão pelos cabelos, ajeitando-os. Pediu para tirar foto com a mãe e, em seguida, buscou um brinquedo (fogão de plástico) que havia ganhado recentemente e que estava em cima da mesa.

RELATOS DA QUARTA VISITA - 01/02/06

Para esta visita não consegui avisar o diretor João, tal como de costume nas outras visitas; por isso não o encontrei na aldeia, mas conversei com sua esposa que me explicou que o telefone público da aldeia tem tido problemas e não funciona sempre, também comentou

que seu marido estava em uma reunião na cidade de Sidrolândia e que talvez eu o encontrasse no caminho de volta.

Encaminhei-me então até a casa de Márcio. Chegando lá, encontrei Márcia e sua vizinha sentadas em uma área externa de sua casa, assistindo à televisão. Assim que cheguei, reapresentei-me. Márcia veio ao meu encontro e, em seguida, sua vizinha levantou-se e saiu. Começamos a conversar, e logo chegaram sua filha com o irmão mais novo no colo e o filho do meio.

Márcia pegou o filho dos braços de Luciana para que ela conversasse mais à vontade comigo. Sentamos em uma sombra ao lado da casa; iniciei uma conversa informal antes de perguntar sobre suas brincadeiras. Envergonhada, muitas vezes olhava para sua mãe e sorria antes de responder, mantendo pouco contato visual comigo. Márcia incentivava a filha a falar também sorrindo para a filha ou repetindo a pergunta.

A partir de uma conversa informal, Luciana falou que gostava de desenhar, então, para deixá-la um pouco mais à vontade, dei-lhe algumas folhas brancas, canetinha e papel. Já um pouco mais solta, disse-me que gosta de jogar futebol, explicando ainda que geralmente joga somente com meninas. Falou também que gosta de brincar de boneca, turito, esconde-esconde, amarelinha, além de desenhar e pintar. Sua mãe acrescentou ainda, que Luciana gosta muito de assistir à televisão, mas, como no local sintoniza-se apenas um canal, ela não tem muitas opções.

Terminamos então nossa conversa, pois teria que voltar mais cedo para tentar encontrar o diretor da escola, João., em Sidrolândia. Fui à casa da professora Ana, participante do trabalho; porém ela estava em Sidrolândia fazendo compras para a família. No caminho de volta à Sidrolândia, encontrei João que voltava apressado para aldeia, paramos no meio da estrada para conversar e ele então me disse que estavam resolvendo as últimas pendências para que ainda neste ano pudessem oferecer o ensino médio na escola da aldeia.

RELATOS DA QUINTA VISITA - 03/03/06

Não houve aproveitamento nesta quinta vista. Como não pude avisar ao diretor da escola sobre minha ida, acabei chegando novamente em dia de reunião escolar. João estava

ocupado com a organização da reunião, mas ainda me contou que, a partir da segunda quinzena de março, deverão começar as aulas do ensino médio. Falou também que sua esposa estava na aldeia Lagoinha, onde dá aula para a pré-escola e por isso deveria retornar apenas no final do dia.

Assim, encaminhei-me para casa da professora Ana, mas, chegando lá, fui informada de que ela estava em Sidrolândia. Mesmo já sabendo que Márcia não deveria estar em casa por causa de reunião, segui para sua casa. Chegando lá a encontrei, já na porta de sua casa, arrumada para a reunião na escola. Assim encerrei a visita com uma data agendada com João para a semana seguinte.

RELATOS DA SEXTA VISITA - 08/03/06

Nesta visita, encaminhei-me novamente para escola. Como João estava em reunião, conversei com sua mulher que estava ajudando na arrumação da secretaria da escola. Sentamos no pátio da escola. Maria foi pegar uma garrafa com água gelada e tereré para tomarmos, enquanto conversávamos.

Após uma conversa informal, ela me contou que somente seus filhos (Pedro - 8 anos e Tiago - 12 anos) e um primo têm videogame em casa e que eles gostam muito de ir para Sidrolândia para jogar fliperama, pois não são os mesmos jogos que têm em casa. Disse que eles também costumam brincar de peões feitos de tampas de plástico de remédios e de detergente.

Falou que Pedro ajuda em casa, somente no arrumar de sua própria cama, e disse também que, após a entrevista feita com Pedro em visita anterior, este foi lhe contar que havia dito que carpia o quintal. Após risadas, explicou-me que ele apenas pega a enxada e carpe alguns pedaços de terra em volta de casa, mas que não é obrigado a isto, mas sim, imita um primo mais velho que carpe o quintal de sua casa.

Falou-me também que as crianças costumam brincar no rio, mas não vão quando é época de chuvas, já que as águas ficam sujas, cheias de folhas e galhos. Quando perguntada se as crianças vão sozinhas para o rio, disse-me que sempre vão acompanhadas de, pelo menos, um adulto ou outros jovens mais velhos, pois já mataram uma sucuri nas margens daquele rio.

Sobre as brincadeiras que fazem no rio, explicou-me que as crianças brincam de “barata” ¹⁸ e pega-pega.

Contou-me também que, quando pequena, nove anos de idade mais ou menos, já auxiliava sua mãe com os afazeres domésticos, pois suas irmãs mais velhas eram casadas. Relatou que, nessa época, não havia água encanada, tendo assim que acompanhar sua mãe até o córrego onde lavava as peças pequenas, enquanto sua mãe lavava as mais pesadas e maiores; mas explica que também aproveitava para brincar no rio e que, às vezes, sua mãe a chamava para voltar a lavar roupa. Geralmente, intercalava as brincadeiras com a lavagem das roupas.

Enquanto conversávamos, chegou a hora do recreio das crianças; interrompemos nossa entrevista e fui procurar a professora Ana que estava livre neste momento. Entramos em sua sala de aula para que pudéssemos conversar mais uma vez.

Ana contou-me um pouco de sua história pessoal: nascida na própria aldeia, ela completou os estudos até a 4^a série na escola da Reserva; incentivada pela família foi cursar o ensino médio em um internato na cidade de Tomé/MS. Ana diz que sempre viu os pais trabalhando na agricultura, sob o sol quente, e foi estudar para poder procurar um emprego melhor para, assim, poder oferecer uma vida diferente para eles na velhice. Concluindo a 8^a série, foi morar em Sidrolândia para cursar o magistério, trabalhando como doméstica em casa de família, para pagar os estudos.

Quando formada, se mudou para uma fazenda para dar aula em uma escola rural. Segundo suas informações, sua intenção era retornar para a Córrego do Meio e lecionar na escola da reserva; porém não conseguia vaga, pois ainda não era concursada. Após cinco anos lecionando em fazenda, Ana passou em um concurso público e pôde escolher voltar para aldeia.

Agora formada em Pedagogia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Ana está concluindo uma especialização em Psicopedagogia e faz planos de ingressar no Programa de Mestrado em Educação da UCDB.

¹⁸ Dentro do rio, uma criança escolhida como barata tenta pegar na cabeça das outras, mas somente enquanto estão com a cabeça para fora da água. Quando consegue pegar, esta vira barata e tenta fazer a mesma coisa até deixar de ser barata

Além da Beatriz (8 anos), Ana tem outra filha, Daniela (12 anos) que toma conta da casa enquanto a mãe trabalha. Ana não é casada e por isso sua filha mais velha ficava sozinha em casa, enquanto ela ia para escola na época em que lecionava na fazenda. Conta também que a filha, desde muito cedo, fazia almoço e cuidava da casa, explicando que ela preparou um banquinho onde a filha pudesse subir e alcançar as panelas.

Quando perguntada se em sua infância também ela auxiliava a família nos afazeres domésticos, Ana respondeu que ela tinha obrigação de ajudar a mãe, já que seus irmãos eram mais velhos e saiam para trabalhar.

No meio de nossa entrevista, Beatriz e Daniela chegaram e se sentaram, prestando atenção em nossa conversa. Fiz então uma pausa para dar atenção às meninas que, envergonhadas, me cumprimentaram sorridentes. Após conversarmos um pouco para deixar as meninas mais à vontade, pedi que Beatriz me mostrasse o jogo de turito, e esta prontamente saiu para pegar coquinho e me mostrar seu jogo.

Após um tempo, Daniela voltou com os cinco coquinhos e com outras colegas que logo se sentaram no chão e iniciaram a brincadeira. Ela foi me explicando o jogo, ainda um pouco envergonhada, quando, então, perguntei se poderia tirar uma foto. Logo se aproximaram outras crianças que estavam por perto.

Dispersando as crianças que se juntaram, novamente retomei a conversa com Ana que, o tempo todo, acompanhou a farra da criançada com as fotografias. Conversamos um pouco sobre as crianças, e Ana me contou que as crianças costumam ir para o rio brincar, mas disse também que o rio fica muito sujo com folhas e galhos, principalmente quando chove e, por isso, os pais muitas vezes não permitem esse tipo de brincadeira após as chuvas. Falou ainda que as crianças gostam de nadar e brincar de pega-pega dentro da água. Perguntei, então, à Daniela se ela sabe nadar, e ela respondeu que “o peixinho ensinou” (sic), e logo sua mãe, sorrindo, explicou-me que é costume deles, ensinado pelos mais velhos, dar às crianças um peixinho bem pequeno para que ele seja engolido, e assim as crianças aprendem a nadar e não há perigo de afogamento.

Com o soar do sino, indicando o final do recreio, despedi-me de Ana e Daniela para ir ao encontro de Márcia em sua casa. Chegando lá, esta conversava com uma vizinha na área

externa da casa. Começamos então uma conversa informal, e logo se aproximaram Luciana e Marcelo com o irmãozinho Cláudio e mais duas crianças.

Comecei então a fazer algumas perguntas, pois haviam ficado algumas dúvidas em relação às informações obtidas em visitas anteriores. Márcia explicou que os bailes que freqüentam na Reserva são realizados pelos próprios moradores, com música mecânica no quintal de alguma casa. Disse também que as crianças vão aos bailes e ficam brincando, separadas dos adultos.

Sobre suas bonecas, comentou que eram de plástico, mas não tão bonitas como as da filha (boneca estilo Barbie, com roupas e acessórios). Tanto as bonecas da filha como os brinquedos do filho são comprados na cidade ou doados pelo governo estadual.

Márcia ainda falou que Marcelo gosta de ir para roça com o pai, mas sua ajuda é pouca, pois ainda é novo. Os dois vão para roça de bicicleta, no período em que o filho não está em aula. Ele disse que gosta de jogar futebol e explicou que jogam em qualquer lugar, principalmente no campo da escola.

Luciana comentou que ajuda sua mãe em casa, lavando as vasilhas, varrendo e cuidando do irmão; completou ainda dizendo que gostaria de cozinhar, mas a mãe não deixa por achá-la ainda muito nova. Pedi então que me explicasse a forma como cuida do irmão, e ela respondeu que dá banho nele, troca sua roupa, dá comida e fica brincando com ele. Perguntei então se seu irmão era como uma boneca para ela e, entre muitos risos e se escondendo atrás da mãe, acenou com a cabeça que sim.

Luciana também falou que gosta de brincar de agacha-agacha, pega-pega, subir nas árvores para pegar frutas ou brincar de boneca sob os galhos e nadar no rio. Márcia então falou que os filhos só vão para o rio com ela, já que acha perigoso as crianças irem sozinhas.

Com o horário avançado, finalizamos nossa conversa após tirarmos algumas fotos das crianças que ali estavam e que quiseram ser fotografadas. Correram logo para cima da árvore e, em seguida, correram para pegar alguns pintinhos que estavam pelo terreno e pediram para tirar mais fotos.

RELATOS DA SÉTIMA VISITA - 26/09/06

Nesta penúltima visita, mais uma vez me encontrei com João na escola da Reserva. Conversamos por algum tempo, quando aproveitei para atualizar João quanto aos novos rumos de minha pesquisa. Muito interessado, discutimos sobre a realidade da Reserva e possíveis formas de ajudar a comunidade.

Respondendo a algumas perguntas minhas, comentou novamente a dificuldade que tem encontrado no ensino da língua Terena na escola. Disse que poucas pessoas falam o “idioma” na reserva e completou dizendo que acha que não teve interesse e motivação para aprender a língua quando era pequeno.

Sobre o contato com a sociedade, disse que normalmente as pessoas vão uma vez por mês realizar as compras na cidade e que o transporte é realizado por um ônibus de uma empresa privada que tem acordo com as lideranças indígenas da região, sendo cobrado cinco reais a passagem. Este ônibus faz esta rota de segunda a sexta-feira, até o dia quinze de cada mês, e segunda, quarta e sexta-feira, após esta data.

RELATOS DA OITAVA VISITA - 19/10/06

Esta última visita foi realizada com a professora e orientadora Sonia Grubits e uma orientanda da iniciação científica, Daniela, que é filha de pai Kadiwéu e mãe Terena. Fomos para a reserva no período da tarde e nos encaminhamos diretamente para a escola. Lá conversamos com Ana, que estava dando aula, mas falou conosco enquanto as crianças faziam atividade.

Perguntamos sobre a educação da criança Terena. Ana falou que as crianças não costumam desobedecer, inclusive em sala de aula; completou ainda dizendo que com suas filhas ela procura conversar, mas, quando é preciso, também dá umas “varinhadas” com vara verde.

Também falou um pouco sobre as danças realizadas pelos adultos e os instrumentos realizados. Apesar de tirarmos algumas fotos, nos encaminhamos à casa de Márcia. Embora não houvesse ninguém em casa, conseguimos encontrá-la na casa de sua mãe, onde a vizinha

informou que ela estaria. Chegando à casa de sua mãe, conversamos um pouco sobre o artesanato Terena e sobre a educação das crianças.

Durante esta visita não conseguimos conversar com João, pois este estava ocupado com compromissos da escola.